



**Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Instituto Multidisciplinar
Departamento de História e Economia
Curso de História**

Elenice Paz de Souza

Nos caminhos de Nilópolis de Ontem e de Hoje de Ernesto Cardoso

NOVA IGUAÇU

2016-1



Elenice Paz de Souza

Nos caminhos de Nilópolis de Ontem e de Hoje de Ernesto Cardoso

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em História da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Instituto Multidisciplinar, como requisito de obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Lucia Helena Pereira da Silva

NOVA IGUAÇU

2016-1



Elenice Paz de Souza

Nos caminhos de Nilópolis de Ontem e de Hoje de Ernesto Cardoso

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em História da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Instituto Multidisciplinar, como requisito de obtenção do grau de Licenciado em História.

Nova Iguaçu, 17 de junho de 2016

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Lucia Helena Pereira da Silva (orientadora)

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – Instituto Multidisciplinar

Prof.^a Ms. Adriana Branco Souto Correa

Prof.^a Ms. Maria Lucia Bezerra da Silva Alexandre

Agradecimentos

Agradeço a Deus todo poderoso por ter concluído este Curso mediante tantos problemas.

Agradeço aos meus filhos, netos e noras pela compreensão da ausência em não poder participar às reuniões familiares, por todas às vezes que ouviram: Estou estudando para prova, tenho seminário para apresentar, pesquisando para a Monografia.

Agradeço em especial ao meu marido pela paciência, dedicação, companheirismo e perseverança diante da realização dessa conquista.

Agradeço à minha professora Lúcia Helena, foi uma árdua incentivadora, com palavras de incentivo e carinho.

Agradeço principalmente às minhas queridas amigas Vânia, Stephanie, Diana e Ivanilda, pelo estímulo e apoio recebido durante o curso.

E a todos que fizeram parte direta ou indiretamente da minha formação. O meu muito obrigada.

Dedico este trabalho aos meus pais *in memoriam*, embora ausentes, estiveram em meu pensamento durante a caminhada.

Resumo

SOUZA, Elenice Paz de. **Nos caminhos de Nilópolis de Ontem e de Hoje de Ernesto Cardoso**, 2016. 44 pp. Monografia (Licenciatura em História). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – IM. Nova Iguaçu.

Este estudo teve por objetivo analisar o livro “Nilópolis de Hontem e de Hoje” do autor Ernesto Cardoso, publicado em 1938. Busca-se descrever a obra, já que é rara, e analisá-la a partir de dois pontos abordados pelo autor em seu trabalho: a história da Fazenda São Matheus como origem de Nilópolis e a participação do presidente Nilo Peçanha na formação do município. Foram comparadas essas duas questões com autores contemporâneos buscando semelhanças e divergências na interpretação. Ernesto Cardoso apresentou uma narrativa descritiva da localidade na década de 1930, quando era então distrito de Nova Iguaçu. O autor não poupou esforços em enaltecer a cidade por ele idealizada. Foi sinalizado nas páginas do livro palavras com significados de progresso para a cidade.

Palavras-chave: Nilópolis – Nova Iguaçu – Baixada Fluminense.

SUMÁRIO

Introdução -----	01
Capítulo I. Conhecendo e desvendando o livro -----	03
Capítulo II. Análise do livro sobre Nilópolis -----	29
Conclusão -----	34
Bibliografia	37

Introdução

A realização desse trabalho tem o objetivo de apresentar uma pequena análise historiográfica do livro Nilópolis de ontem e de hoje, escrito por Ernesto Cardoso, publicado em 1938.

Optou-se por fazer uma análise do livro por acreditar que o livro de história e estudo deixado por Ernesto Cardoso constitui uma contribuição importante para o conhecimento da história da cidade de Nilópolis. Como professora, ao ministrar aulas nesta cidade percebi a carência de informações sobre o município, e ao pesquisar temas referentes à cidade o livro é apresentado como única fonte. Qual não foi a minha surpresa ao buscar subsídios para minha pesquisa, a fonte que eu tanto buscava tornou-se a própria fonte objeto da minha pesquisa. Incomoda-me residir e trabalhar em uma cidade com referências, e conhecida internacionalmente pela escola de samba ser tão carente de informações.

Ao realizar a análise do livro pretende-se observar como foi construído o discurso do autor na construção da história de Nilópolis, e como essas informações podem auxiliar efetivamente na história da cidade, pois com o tempo esse material que ora está sendo utilizado como fonte de pesquisa pode ser perdido e ficaremos sem nenhuma referência de um trabalho da década de 1930, momento anterior a emancipação. Elegeu-se duas questões para se trabalhar nessa pesquisa: a questão da Fazenda São Matheus e a questão da visita do presidente Nilo Peçanha.

Foram realizadas leituras que auxiliaram a análise do livro, são eles: “A Cidade Estilhaçada: reestruturação econômica e emancipações na Baixada Fluminense” de Manoel Ricardo Simões, sua tese é voltada à investigação sobre o processo de emancipação dos municípios da Baixada Fluminense, tem seu relato iniciado no processo histórico de ocupação, cita as desigualdades sócio espaciais como uma das motivações do processo emancipatório; Adrianno Oliveira Rodrigues “De Maxabomba a Nova Iguaçu (1833 – 96’s): economia território em processo; Gênesis Tôrres “Baixada Fluminense: a construção de uma história: sociedade, economia, política; Antonie Prost “Doze lições sobre a História”; Paul Veyne “Como se escreve a história”.

Utilizou-se os estudos dos autores Simões, Rodrigues e Tôrres para se trabalhar as questões factuais, ou seja, foi por meio destes autores que se comparou factualmente os eventos eleitos. Para ter um entendimento conceitual e metodológico de como se

constrói uma narrativa histórica, já que o livro é discurso historiográfico acerca do município foram utilizadas as análises historiográficas dos autores Antonie Prost e Paul Veyne.

Para dar conta do proposto, o trabalho está dividido em dois capítulos. No capítulo I será descrito o livro, já que ele está inacessível. O capítulo II é dedicado a uma análise historiográfica do livro com base nos autores citados, apresentou-se semelhanças e diferenças no tema estudado enquanto ligados aos tópicos de mudança de nome da Fazenda São Matheus e sobre a formação e propriedade da localidade. Salientamos que são estudos diferenciados entre si, já que um é economista, o outro geógrafo e outro historiador. A conclusão foi a resposta aos nossos questionamentos surgidos na leitura do livro.

Os títulos de cada tópico do livro são apresentados em letra maiúscula para distinguir visando articular as informações apresentadas pelo autor com a sua escolha em nomear essas mesmas informações.

Este trabalho foi apenas o começo, um fio, para que se busque, posteriormente, uma maior discussão. Que o presente estudo sirva como auxílio para ampliar novas pesquisas e sirva como referência para novos leitores.

Capítulo I

Conhecendo e desvendando o livro

Este capítulo tem por objetivo descrever o livro que utilizaremos como fonte. “Nilópolis de Hontem e de Hoje” escrito por Ernesto Cardoso em 1938, trata da história do município de Nilópolis até a década de 1930 quando ainda era distrito de Nova Iguaçu. A obra é composta por 323 páginas, com a seguinte divisão: Dedicatória, Prefácio, Introdução e Reminiscências e tópicos, finalizando com o índice.

É em Reminiscência que Cardoso conta a história de Nilópolis e apresenta o comércio local, descrição de algumas paisagens/ambiente e moradores locais. Sinaliza propagandas de lojas e comércios existentes na localidade. Em todos os tópicos sinalizados, o autor apresenta imagens para melhor compreensão do fato descrito.

Cardoso iniciou o livro com uma dedicatória à sua filha, Eva¹. Nas duas páginas do Prefácio, no qual Lopes e Silva² discorre como Cardoso escreveu o livro e seu amor à cidade, sua terra natal, que não mediu esforços em enaltecer Nilópolis, “Ahi está uma obra que honra seu autor e eleva Nilópolis; obra que tem o indiscutível mérito de tornar conhecido, para todo o sempre, perante todo o país, esse pedaço rico e prospero da terra fluminense”. (Cardoso, 1938:9).

Na Introdução Cardoso dedicou duas páginas nas quais ele se desculpa, diz não ter a pretensão de fazer uma análise do povo local e sim fazer uma narrativa dos fatos, uma resenha do que significa o progresso para a cidade à época.³

O tópico Reminiscência compreende da página 13 a página 32, pois a partir da página 33, ele descreve Nilópolis de 1938 em tópicos. Cardoso permeia esse capítulo com a descrição da cidade, como ele denomina de a “princesa de Iguassú” ele utiliza diversos adjetivos para enaltecer a localidade, tais como “admirável topografia”, “prédios estylisados”, “agricultura abundante” (CARDOSO, 1938, p. 13). Passeia pelo tempo colonial, diz que o cultivo da cana por muito tempo era feito por escravos e deu

¹ “EVA, Minha Filha, exemplo de meiguice e doçura, único e santo afecto que me anima e conforta nas horas incertas e me recreia nos momentos de paz e tranquillidade – treze primaveras de sorrisos e encantos, outras tantas taças floridas d amor e bondade, de fé e douradas esperanças, - bellezasdivinaes que lhe exaltam a precocidade do formoso character e me exultam de prazer e contentamentos, inspirando-me a nortear a vida por um prisma elevado e nobilitante, offereço este trabalho, como prova de extremado amor e profunda dedicação.” (CARDOSO, 1938, P. 6).

² Não encontramos referências. (CARDOSO, 1938, P. 7).

³ “Nilópolis de hontem e de hoje” não é propriamente um livro de analyse rigorosa aos homens que aqui viveram ou vivem. É ele, antes, uma narrativa de factos em épocas dispares, reunidos e cosidos com sobriedade e escrupulosa imparcialidade, e uma resenha de tudo que significa progresso e grandiosidade esplendente da cidade de hoje. ” (CARDOSO, 1938, P. 11).

muito lucro à Fazenda São Matheus, primeiro nome dado à cidade de Nilópolis, logo depois foi substituída por “Engenheiro Neiva”, em 08 de novembro de 1914 quando da inauguração da primeira estação ferroviária. Da página 14 em diante Cardoso inicia uma síntese sobre o início da Fazenda São Matheus.

Segundo o autor, em fins do século XV e início do século XVI, a fazenda “pertenceu a Domingos Machado Homem e sua mulher D. Joanna Barcellos, e, depois, por falecimento destes, a seu filho padre Matheus Machado Homem” (CARDOSO, 1938, p. 14). A partir de 1637 a propriedade passou a pertencer a João Alves Pereira, e foi nessa época que teve início a construção da Capela São Matheus. Em 1779 passou para o alferes Ambrozio de Souza e que em “1886 passou a pertencer ao primeiro barão Jeronymo Mesquita”. Para melhor entendimento, Cardoso cita o relato de José Mattoso Maia Forte:⁴

“S. Matheus foi, primitivamente, uma fazenda do padre Matheus Machado Homem, que a recebera como herança de seus paes Domingos Machado Homem e D. Joanna Barcellos. Assim pelo nome do seu proprietário, se explica o do padroeiro”. (Maia apud Cardoso, p. 14 -15).

Ernesto Cardoso relata ainda que “No Tomo 76, parte 1ª da *Revista do Instituto Histórico*, conforme citado por José Mattoso Maia Forte, em estatística levantada no governo do Marques de Lavradio, em 1779, a Fazenda São Matheus, então de propriedade do alferes Ambrozio de Souza, produzia 30 caixas de açúcar e 14 pipas de aguardente, com o trabalho de 50 escravos, produção essa que se sobrepunha à das fazendas vizinhas – Gericinó, Palmeiras, Cabral e Desterro da Pavuna.

Em seguida o autor vai desenhando a formação da cidade, sinaliza a localização do cemitério dos escravos ao tempo colonial, que ficava entre a Capela de São Matheus e um barracão que funcionou por muito tempo como fábrica de couro, “na vertente da collina” (CARDOSO, 1938, p. 16) e que à época da construção desses barracões foram encontradas algumas caveiras de seres humanos, segundo relato de moradores mais velhos. Lembra como era feito o transporte de mercadorias da Fazenda São Matheus para o Rio de Janeiro, que eram transportados em “carros de bois” passando por Thomazinho e São João de Meriti indo até a Pavuna, “passando por um canal marítimo” até a chegada a Corte, ressalta o espanto de alguns em saber da existência de “um braço de mar que ligava Pavuna às esmeraldina aguas da Guanabara”⁵.

Ernesto Cardoso esclarece aos que venham a duvidar, que “ainda hoje (1938) se

⁴ José Mattoso Maia Forte. *Memoria da Fundação de Iguassú*. (P. 53).

⁵ CARDOSO, Ernesto, “Nilópolis de Hontem e de Hoje”, 1938, p. 17.

encontram vestígios do porto do mar existente até aos meados do século XVIII”. Que basta comparecer à estação da Pavuna para visualizar do lado direito “a menos de cem metros”, o leito do canal com parede de granito e do lado esquerdo escadas, ainda que em estado de ruínas, com acesso ao “comprido galpão da alfândega”. E que por esse mesmo canal passou, segundo o autor, D. Pedro II em uma das suas viagens em “visita ao Solar dos Coelho da Rocha, (1938) em Belford Roxo, no alto da collina”⁶. Apenas lembrando que o autor se referia ao ano corrente dele.

Após o fim da escravatura, discorre Cardoso, fazendeiros abandonaram a agricultura, deixaram as terras em virtude da queda dos lucros, enquanto outros desistiram em sinal de rebeldia contra “a Lei da Alforria” ao se deparar com um povo ansiando pela liberdade.⁷

O autor justifica o fato pelo qual a Fazenda São Matheus passou a ser um terreno abandonado, a exemplo de muitas outras fazendas e se transformou em pouco tempo “num capoeirão e depois em matta cerrada”. Após certo período veio a pertencer ao barão de Mesquita, que fez sua moradia em um espaçoso “prédio da Fazenda, existente ainda hoje, ao lado esquerdo da estação de que seu nome é patrono – Mesquita”⁸.

Após alguns anos, a fazenda foi vendida ao comerciante João Alves Mirandella, “fornecedor de muares ao Exército Nacional”⁹. Segundo Cardoso, em troca de um crédito “de vinte contos”, o comerciante recebeu uma parte da fazenda, seguindo os limites “com o rio Cachoeira, Fazendas de Santa Cruz e Cabral, rio Páo e terras de Lazaro de Almeida”¹⁰, a escritura foi lavrada “em dois de Setembro de mil e novecentos”, tendo como “tabelião Lobo de Arlacão, na cidade de Maxabomba, hoje Nova Iguassú”. Até o início de 1913 o comerciante fez desse pedaço de terra “campos de criação de animais”. Nesse mesmo ano, aconselhado por um amigo, foi feita a Planta da terra, em seguida houve o desmembramento e loteamento “e vendida às classes menos favorecidas da sorte”¹¹.

No início de 1914, com propaganda intensiva “através dos jornaes cariocas” foram vendidos “milhares de lotes à razão de cinquenta mil reis, cada, pagável em

⁶ Idem, *ibidem*, p. 18.

⁷ “Esse golpe deu ainda causa ao incremento da propaganda republicana, pois os autocratas, não podendo conter o ódio que lhes dilacerava a alma, contra a Princesa Izabel, a Redemptora, por ter sido ella o arauto desse avançadíssimo passo humano, que assignalou com fulgores o sybolisante marco as Democracia na Historia Brasileira, passaram-se, num ímpeto de crudelíssima vingança, para as hostes dos republicanos, embora tivessem sido estes o fator preponderante do movimento Abolicionista”. (p. 19).

⁸ Ernesto Cardoso, “Nilopolis de Hontem e de Hoje”, 1938, p. 20.

⁹ Idem, *ibidem*, p. 20.

¹⁰ Idem, *ibidem*, p. 20.

¹¹ CARDOSO, Ernesto, “Nilopolis de Hontem e de Hoje”, 1938, p. 20.

prestações de cinco e dez mil reis mensais”. Cardoso permeia o texto com o relato da morte do futuro imperador da Servia, “o herdeiro da corôa austríaca, conhecida como Tragédia de Seravejo. Foi alvejado por um “visionário anarquista” em primeiro de agosto desse mesmo ano. Decorrente dessa tragédia, a “Allemanha, a Austria e a Turquia declararam guerra a outros países da Europa”¹². Segundo o autor, como consequência da guerra, embora o Brasil tivesse entrado já no final do conflito “dezenas de milhares de chefes de família” ficaram desempregados, sem teto, sem moradia com alto custo da alimentação, os trabalhadores e sua família vislumbraram no loteamento de São Matheus a solução para alguns problemas.¹³ Sendo assim, Cardoso sinaliza, que no final de 1915 milhares de lotes “estavam habitados e cultivados”.

Em 1919 o proprietário dr. Octavio Ribeiro de Faria Braga loteou suas terras do lado direito da linha férrea na área “compreendida entre a rua Menna Barreto, João Braga, Julio de Abreu e adjacências, ultrapassando a divisa do nosso districto (Fios da Light) até a Linha Auxiliar, na estação de Eden”¹⁴, com construções edificadas e rápida povoação. E em 1921 foi a vez do dr. Rufino Gonçalves Ferreira lotear a parte restante, “compreendendo-se entre Menna Barreto e proximidades do rio Páo (Anchieta), desde rua Moraes Cardoso até às proximidades da Estação de Agostinho do Porto, na Linha d’Ouro”¹⁵.

Ao término do capítulo Reminiscencia o autor destaca a Rua General Menna Barreto, sua extensão e a tradicional Capela de São Matheus, padroeiro da cidade, foca ainda na ilustração da Polyclinica de Nilópolis com o nome escrito na fachada de um prédio branco com uma cruz bem ao alto e a foto da “Av. Francisco de Almeida (trecho junto à praça Paulo de Frontin). (CARDOSO, 1938, p. p. 31 - 32).

Num capítulo, Cardoso ressalta a importância da INAUGURAÇÃO DA ESTAÇÃO E DO BUSTO FRONTIN ocorrido em 08 de novembro de 1914. Discorre sobre a insatisfação do proprietário das terras, por não haver à época das vendas dos terrenos uma parada de trens, que o mesmo não poupou esforços junto à “Directoria da Central” conseguindo, enfim, a parada dos trens em frente ao armazém São Matheus “na esquina da avenida Mirandella com João Pessoa”¹⁶.

No entanto ainda faltava a construção da plataforma que daria acesso a parada

¹² Idem, ibidem, p. 21.

¹³ “O flagelado entrava com a primeira prestação de cinco ou dez mil réis e no mesmo dia dava início à construção de um tosco rancho, no terreno que adquiria”. (p. 23).

¹⁴ Ernesto Cardoso, “Nilópolis de Hontem e de Hoje”, 1938, p. 30.

¹⁵ Idem, ibidem, p. 30.

¹⁶ CARDOSO, Ernesto, “Nilopolis de Hontem e de Hoje”, 1938, p. 39.

dos trens para embarque e desembarque dos passageiros. Cardoso diz que o “conde Gustavo Paulo de Frontin” um dos que mais se interessou e intercedeu junto à administração da Estrada para efetivar o importante melhoramento. João Alves de Mirandela e por sugestão do coronel Julio de Abreu quotizaram-se e alguns amigos, com o povo em geral para a criação do busto em homenagem “ao brasileiro ilustre que tão alto soube erguer o nome de sua Patria”. “Na manhã do dia 08 de novembro de 1914”¹⁷ foi inaugurada a estação, com a chegada do trem conduzindo várias autoridades, a saber: “Arrojado Lisbóa, Paulo de Frontin e família, Soares Neiva (engenheiro residente), e outras autoridades municipais de Nova Iguassú e grande massa do povo”¹⁸. Findada a cerimônia de inauguração da Estação a qual lhe foi dado o nome de “Engenheiro Neiva”, “foi ofertada ao dr. Arrojado Lisbôa, Director da Central, uma caneta de ouro, em alto relevo, em nome da população”¹⁹, em seguida o descerramento do busto de Frontin.

Em seguida o autor discorre sobre o funcionamento da PRIMEIRA PANIFICAÇÃO em 21 de abril de 1915. (CARDOSO, 1938, p. 45). Inicialmente o pão fornecido à população vinha de Nova Iguaçu transportado por bois em terrenos bastante desnivelados e São Matheus pela linha auxiliar. Outros trabalhadores traziam o pão do Rio, pois alguns trabalhavam na Capital. Os que dependiam do pão da cidade vizinha passaram por maus momentos, devido às fortes chuvas que deixavam as ruas alagadas impedindo o percurso dos bois por vários dias. Finalmente o problema foi solucionado com a inauguração da primeira panificação a qual foi dado o nome de “Padaria São Matheus” situada à rua João Pessoa 249, os donos eram os sócios João Baptista Rodrigues e Francisco Ferreira – Rodrigues & Ferreira. (CARDOSO, 1938, p. p. 45 – 46).

O autor Ernesto Cardoso aponta que a COMPANHIA CARRIL MELHORAMENTOS DE IGUASSÚ, fundada em 08 de maio de 1915 foi uma das empresas responsáveis pelo progresso das terras loteadas, sendo os proprietários José Victor da Rocha, Augusto Balsemão e José Maria Campos, ofereciam farto material de trabalho tais como picaretas, pás, enxadões e carrocinhas que auxiliaram no serviço de nivelamento e assentamento dos trilhos na avenida Mirandela. Em alguns meses já havia um bondinho puxado a burro circulando nos trilhos de madeira guiado pelo cocheiro, com inauguração entre “1916 e 1917”. Na inauguração houve desfile, música,

¹⁷ Idem, ibidem, p. 41.

¹⁸ Idem, ibidem, p. 41.

¹⁹ Idem, ibidem, p. 42.

fogos. Inicialmente a linha inaugurada tinha 1.200 metros em toda a extensão da Avenida Mirandela até a praça Trajano Louzada. (CARDOSO, 1938, p. p. 49 – 51). Aos poucos os trilhos foram apodrecendo, ficando inviável sua continuidade, não havia manutenção. Foram substituídos pelo transporte “auto-omnibus” Viação Irene, cujo o proprietário era Sr. Lucio Tavares. (CARDOSO, 1938, p. 53).

Em seguida o autor menciona A PRIMEIRA VISITA DE UM PRESIDENTE DA CAMARA DE NOVA IGUASSÚ, em 02 de julho de 1916 (CARDOSO, 1938, p. 58), Dr. Manoel Reis na então Engenheiro Neiva, foi recebido com bela recepção, embora tenha feito sua passagem inicialmente nas propriedades do “sr. Coronel Julio de Abreu”. Durante a sua passagem os moradores faziam pedidos de melhoria para a cidade, tais como limpeza nos rios Bangu (Sarapui) e Piruinha e à medida que ele ficava sabendo das necessidades dos presentes, ele prometia resolver dentro das possibilidades sanar as dificuldades. De imediato mandou nivelar alguns trechos da avenida Lazaro de Almeida, pouco tempo depois iniciou “a limpeza de um trecho do rio Bangú” (CARDOSO, 1938, p. 58), mais tarde os moradores deram continuidade a limpeza total.

Na intenção de resolver problemas de abastecimento de água potável, Julio de Abreu resolveu “fundar uma agremiação, com foro jurídico, a fim de servir de interprete oficial entre a população e os Poderes Públicos”²⁰. O autor discorre sobre a fundação do “BLOCO PROGRESSO DE NILÓPOLIS” em 13 de agosto de 1916, assim constituída sua diretoria.²¹ Com a criação do bloco, a primeira deliberação foi convidar o então presidente da República Nilo Peçanha para fazer uma visita a Engenheiro Neiva. Convite feito através de Manoel Reis, presidente da câmara de Iguaçu com o objetivo de solicitar melhoramentos para uma cidade carente “do auxílio oficial” (CARDOSO, 1938, p. 60). A casa de campo do coronel Julio de Abreu situada à avenida Lázaro de Almeida, nº 22 serviu para fundação e instalação do bloco, tornou-se sede oficial da associação.

O Bloco Progresso de Nilópolis auxiliou a cidade “junto a Camara de Iguaçu” em mais uma solicitação, dessa vez foram relativas às dificuldades que a localidade estava passando com a falta de uma agência postal local. “A correspondência destinada

²⁰ CARDOSO, Ernesto, “Nilópolis de Hontem e de Hoje”, 1938, p. 59.

²¹ “Coronel Julio de Abreu, presidente; coronel Antonio Benigno Ribeiro, vice-presidente; Augusto Balsemão, secretario; dr. Adolpho Gomes de Albuquerque, orador official; José Victor da Rocha Miranda, procurador; acadêmico Gustavo de Abreu, bibliotecário”. (p. 59).

“Directores: Antonio de Almeida Alentejano, José Maria Campos, Firmino Lopes e dr. Luiz Pendez. CARDOSO, 1938, p. 60.

a Engenheiro Neiva ia parar na agencia de Anchieta”²². No dia 1 de Outubro de 1917 a AGENCIA DO CORREIO foi instalada “numa das portas do prédio que faz esquina na Avenida Francisca de Almeida e praça Frontin”²³.

Continuando a descrição dos equipamentos existentes na localidade, o autor comentou sobre a INAUGURAÇÃO DE AGUA POTAVEL, acontecido em 13 de novembro de 1918. Cardoso diz que mais uma vez população procurou auxílio no presidente da Capital, visto que em sua visita a localidade o mesmo ofereceu ajuda no que fosse necessário e no mais breve tempo possível, só que mais de um ano se passou e população continuava a utilizar-se de água das cisternas do Distrito Federal, visto que “antigos administradores de Iguassú” deram o controle das nascentes ao Governo Federal, esquecendo-se “do futuro crescente desta faixa de terra fluminense”²⁴. Após algumas reuniões acontecidas na Praça Paulo de Frontin, finalmente a população viu seus sonhos sendo realizados, no dia 13 de novembro foram instalados dois pedestais. “Um na praça Paulo de Frontin e outro em frente á esquina da avenida Mirandella com João Pessôa”²⁵.

O autor vai falar sobre PONTES LIGANDO ANCHIETA A NILOPOLIS, diz que Engenheiro Neiva só tinha ligação com o Distrito Federal através da linha férrea que era separada pelo rio Páo (Pavuna) que havia a necessidade de construção de uma ponte para que fosse utilizada por pedestres e veículos ligando assim Engenheiro Neiva à Capital do País. De acordo com essa necessidade, Cardoso menciona o memorial elaborado citando esse conflito.²⁶ O pedido foi aceito e junto com ele mais um benefício, a construção de uma ponte “na outra margem da linha férrea”²⁷. Cardoso ressalta que em 10 de abril de 1919 foram inauguradas as duas pontes, diz que “As duas obras de lá estão numa prova insuspeita do amor que Paulo de Frontin dedicava à nossa terra”²⁸.

Cardoso aponta nessa parte do texto, uma pergunta: QUANTOS SOMOS? Os habitantes viviam se indagando sobre o total da população, e como solução para essa

²² CARDOSO, Ernesto, “Nilopolis de Hontem e de Hoje”, 1938, p. 83.

²³ Idem, ibidem, p. p. 83 – 84.

²⁴ Idem, ibidem, p. 89.

²⁵ Idem, ibidem, p. 90.

²⁶ “(...) ressaltava os proventos que tal melhoramento viria trazer a lavoura, a indústria e ao commercio de Engenheiro Neiva e Nova Iguassú, com fácil acesso a Capital, os moradores desta localidade, em conjunto com os de Anchieta, dirigiram-se ao prefeito do Distrito Federal, na época o dr. Paulo de Frontin”. (p. 93).

²⁷ CARDOSO, Ernesto, “Nilopolis de Hontem e de Hoje, 1938, p. 94.

²⁸ CARDOSO, Ernesto, “Nilopolis de Hontem e de Hoje”, 1938, p. 94.

dúvida foi criada uma comissão para que se efetivasse o recenseamento da localidade.²⁹ A comissão dividiu o distrito em quatro zonas e foram designados como recenseadores da primeira à quarta, respectivamente, Affonso Francisco Ribeiro, Augusto Corrêa Berberêa, Gregório Pacheco e Argemiro Candido Barbosa, que finalizaram o recenseamento em outubro de 1920, com a seguinte estatística: 5.188 habitantes e 1.352 residências.

O próximo item apresentado pelo autor foi a SUBSTITUIÇÃO DO NOME DA ESTAÇÃO PELO DE NILOPOLIS. Mesmo que o nome fosse oficialmente Engenheiro Neiva, havia algum tempo que vinha sendo denominada Nilópolis pela população, nome dado pelo Bloco Progresso de Nilópolis em singela homenagem ao Nilo Peçanha, “o general reivindicador das liberdades públicas, e, além de tudo, uma prova de reconhecimento aos serviços por ele prestados a este cadinho de terra brasileira”³⁰. Essa denominação causava muitas confusões nas pessoas que desconheciam a localidade, visto que muitos passavam da estação por desconhecerem essa nova denominação dada pelos moradores locais. Em vez da legenda Nilópolis eles verificaram também a confusão que a inscrição Engenheiro Neiva fazia na entrega de mercadorias pela ferrovia, “as mercadorias destinadas a Engenho Novo vinham parar aqui, assim como as que eram destinadas para cá iam para Engenho Novo, sendo fácil avaliar-se os prejuízos que tais anormalidades causavam aos interessados, particularmente ao comércio”³¹. Em vista dessa situação foi elaborado um documento e enviado ao ministro da Viação solicitando a mudança do nome em substituição a Engenheiro Neiva pelo de Nilópolis na Estação Local, e que o termo ao mesmo tempo fosse dado a outra Estação do Ramal de São Paulo. O documento foi entregue pessoalmente pelos diretores do Bloco Progresso de Nilópolis ao ministro Pires do Rio em 20 de setembro de 1920. No dia 21 do mesmo mês, o documento chegou a Central do Brasil recebendo o número 7.087. Em 27 do mesmo mês recebeu parecer favorável e o documento retornou ao Ministério da Viação. Foram aguardados alguns trâmites legais tais como as conclusões de obras de um posto telegráfico no ramal de São Paulo ao qual receberia o nome de Engenheiro Neiva. Só em 21 de janeiro de 1921 foi exposto na Estação o nome de Nilópolis. A Revista “Nilópolis” assim descreveu parte desses acontecimentos.³² Cardoso ressalta

²⁹ “Ignacio Vicente Serra (pae), presidente; capitão Deodoro de Alvarenga Ribeiro, dr. Adolpho de Albuquerque, Fidelis Bastos Dias, Octavio Pamplona Côrtes, José Fernandes Duarte e capitão José Ferreira da Costa Madeira”. (CARDOSO, 1938, p. 101).

³⁰ Ernesto Cardoso, “Nilópolis de Hontem e de Hoje”, 1938, p. 103.

³¹ Idem, ibidem, p. p. 103

³² “Precisamente á uma hora da tarde, reunida na Praça Paulo de Frontin, cujo busto em bronze ali

que “embora efetuada a mudança do nome da Estação para o de Nilopolis, continuava a cidade na ordem administrativa a chamar-se Engenheiro Neiva”³³. Que só em 06 de outubro de 1921 “devido a influência do dr. Manoel Reis, pelo decreto 1.706, passou a denominar-se Nilopolis”³⁴.

Nessa parte, Cardoso vai discorrer sobre o SANEAMENTO PROPHYLATICO DA CIDADE, ele dedica algumas palavras de agradecimento e enaltece o nome do dr. Belisario Penna que no dia 08 de janeiro de 1922 fez concretizar o sonho dos moradores da localidade. O completo saneamento da baixada, assim foi descrito pela revista “Nilopolis”, copiado pelo autor.³⁵

No próximo item o autor se dedica ao CINE NILOPOLIS, Cardoso torna a falar e enaltecer a pessoa do Dr. Rufino Gonçalves Parreira como uma das figuras mais ilustre da localidade recém loteada, diz que entre alguns empreendimentos feitos pelo morador está a construção de um cinema, visto haver percebido a falta de uma casa de diversão que servisse de distração para a família nilopolitana. Em poucos meses inaugurou o cinema na praça Paulo de Frontin, esquina da rua Hercilia Campos, no dia 20 de fevereiro de 1924, “sob a direção do sr. José Vieira Miguez” (CARDOSO, 1938, p. 140). O autor apresenta ainda o relato da PANIFICAÇÃO E CONFEITARIA PROGRESSO, como um dos primeiros e mais importantes edifícios construído à época. Foi o de nº 15 da praça Paulo de Frontin, esquina da rua Mena Barreto. Foi inaugurada em 13 de julho de 1921.

Mais adiante em próximo enunciado, o autor discorre sobre uma INICIATIVA PITORESCA que foi a criação do Corpo de Bombeiros em uma terra onde nem sequer

existente estava coberto de flores, grande massa de povo, acompanhada pela banda de musica do Grupo Musical de Nilopolis, dirigiu-se para a Estação, onde, assumindo a tribuna ali improvisada, o presidente do Bloco sr. Coronel Julio de Abreu falou ao povo, que o ouviu todo descoberto, salientando os motivos da festa presente e, dirigindo-se, com palavras de (...) patriotismo e carinho, às altas autoridades da Republica e todos quantos têm cooperado para o progresso deste rico recanto do prospero Estado do Rio de Janeiro”. (CARDOSO, p. 105).

³³ Ernesto Cardoso, “Nilopolis de Hontem e de Hoje”, p. 106.

³⁴ Idem, ibidem, p. 106.

³⁵ “As oito e meia horas da manhã do dia 8 de janeiro (de 1922), chegaram a Nilopolis, em automóveis, os snrs. Drs. Belisario Penna, Diretor do Saneamento do Brasil e dos serviços de prophylaxia Rural do Districto Federal, Mario Pinotti, Chefe do Primeiro Districto do Estado do Rio de Janeiro e os distintos médicos, deste departamento de Saude Publica, snrs. Drs. Antonio Piryassú, Castro Barreto, José de Albuquerque, Rubens Paranhos e outras pessoas. (...), foram recebidos pela comissão promotora, representantes do Bloco Progresso de Nilopolis, autoridades e jornalistas. (...) A uma ordem do Director da Prophylaxia Rural do Brasil, sr. Dr. Belizario Penna, foi por quatro trabalhadores dado o inicio á destruição da barreira que interceptava ainda a passagem das aguas da antiga e obstruída vala ali existente para o novo rio recentemente aberto. Um momento muito emocionante. (...) Em seguida, o Coronel Julio de Abreu, em nome do Bloco Progresso de Nilopolis e da população nilopolitana, em memorável discurso agradeceu ao Dr. Belisario Penna e ao Dr. Lafayete Freitas o importante melhoramento”. (CARDOSO, 1938, p – p 129, 130, 131, 132).

havia água. Ideia do cidadão Xavier Magalhães de Freitas, “comandante da Guarda Noturna, advogado, médico, guarda-livros, comissário de polícia, fiscal da barreira, professor de Ciências ocultas, sargento do Exército, etc., etc., segundo o seu cartão de apresentação”³⁶. O Corpo de Bombeiros e respectivo quartel foi fundado em 25 de março de 1928, à rua Therezinha, 6. Teve vida efêmera, logo, “morreu queimado por falta d’água”³⁷.

Seguindo os temas propostos pelo autor teremos no próximo item a “LIGAÇÃO DA CHATUBA AO CENTRO DA CIDADE”³⁸. Devido a fortes chuvas, “uma antiga ponte de madeira que, por sobre o rio Bangú”³⁹ ligava as duas localidades foi arrastada pela enchente. Ficando assim sem comunicação com a sede do Distrito. Houve solicitação das autoridades locais junto ao prefeito João Telles e assim em 30 de outubro de 1928 foi inaugurada a ponte, com a presença do prefeito João Telles acompanhado do coronel Nicolau Rodrigues e o vereador local Mario de Moura Almeida.

Continuando com a descrição, o próximo item foi referente ao FECHAMENTO E REABERTURA DA TRAVESSIA SOBRE A CENTRAL. Por ocasião do fechamento da Estação de Nilopolis para melhor fiscalização entre os dias 03 e 17 de fevereiro e 6 de outubro de 1929 a população se viu prejudicada, pois para isso a Central do Brasil fechou a passagem “que ligava as partes mais centrais da cidade, a Praça Paulo de Frontin à avenida Mirandela, forçando a população, deste modo, a dar uma volta de 700 metros ou, então, pagar nos torniquetes 200 reais por cabeça, de toda a vez que pretendesse transpor o leito férreo”⁴⁰. Após vários embates na justiça para que a Central do Brasil revisse o fechamento e fosse feita a reabertura com a ajuda de Nilopolis-Jornal e a sociedade local, finalmente em “6 de outubro do mesmo ano foi franqueada a passagem ao público (...)”⁴¹.

O próximo assunto tratado foi LIGANDO NILOPOLIS A SÃO MATHEUS. No dia 13 de novembro de 1930 foi inaugurada a linha de ônibus Nilopolis-Thomasinho da “Viação Irene”. “Era o feliz advento de mais um empreendimento de realce para a vida progressiva de Nilopolis”⁴². Inaugurada em 25 de fevereiro de 1934, foi utilizada em

³⁶ CARDOSO, Ernesto, “Nilopolis de Hontem e de Hoje”, 1938, p. 165.

³⁷ Idem, ibidem, p. 166.

³⁸ Idem, ibidem, p. 169.

³⁹ Idem, ibidem, p. 169.

⁴⁰ Idem, ibidem, p. 171.

⁴¹ Idem, ibidem, p. 189.

⁴² “Os terrenos baldios marginaes á rodovia recebiam edificações. Estabelecimentos commerciaes iam sendo inaugurados. E, dessa maneira, o povoamento se fazendo rapidamente, em pouco – Nilopolis, Thomasinho e S. Matheus – passaram a constituir uma só grande cidade, onde tudo é vida de progresso e grandeza tonificante”. (CARDOSO, 1938, p. 206).

substituição aos bondinhos puxados a burro na Avenida Mirandella⁴³.

“Nilopolis, desde a divisa do Districto Federal, demarcada pelo rio Páo (ou Anchieta), até á sua Estação Férrea, tem uma extensão de 3 kilômetros”⁴⁴. Anseio antigo da população para que fosse feito uma parada de trens “na travessia existente a meio da distância entre a Estação de Nilopolis e a divisa”⁴⁵. Após anos de campanha, eis que no dia 03 de outubro de 1934, “debaixo de retumbantes festas, eram freitados, pela primeira vez, os trens na nova parada, que recebeu o sugestivo nome de Olinda”⁴⁶. No tema ENCURTANDO DISTANCIAS, o autor vai descrever a chegada do telefone público em Nilopolis. A União dos Comerciantes e Proprietários de Nilópolis oficiou a Companhia Telefônica Brasileira em 19 de julho de 1935 a necessidade da instalação de um aparelho telefônico em nossa cidade. “Em 7 de agosto do mesmo anno, a empresa canadense promettia satisfazer a pretensão de Nilopolis, esperando apenas a conclusão da rêde de Nova Iguassú, para, logo em seguida, instalar o aparelho telephonico interurbano, na nossa cidade”⁴⁷. No dia 10 de agosto de 1936 foi instalado e inaugurado na Panificação e Confeitaria Progresso, à Praça Paulo de Frontin, 18, o serviço de comunicação telefônica que ligou Nilópolis para todo o país.

O autor Ernesto Cardoso vai falar sobre o RESERVATORIO D’AGUA e que mais uma vez recorreu-se a ajuda prestimosa do Bloco Progresso de Nilópolis e este entrou em entendimentos “com os altos poderes da Republica, por intermédio dos senadores Paulo de Frontin e Fernandes Mendes de Almeida”⁴⁸ e entre vários obstáculos vencidos, no dia 08 de fevereiro de 1924 o “Diario Oficial na seção do Ministério da Viação e Obras Publicas publicava o credito facultativo pela Lei 4.793, de 7 de janeiro do mesmo anno, para a construção de um reservatório d’agua em Nilopolis”⁴⁹.

Há um capítulo sobre a inauguração de um novo bairro em Nilópolis. NOVA CIDADE, em 4 de abril de 1937⁵⁰. O terreno havia pertencido a Lazaro de Almeida, em

⁴³ “E no dia 25 de fevereiro de 1934, a Viação Irene inaugurava na Avenida Mirandella os seus serviços de ônibus, alinhadíssimos de elegância, limpeza e asseio, recreando de conforto a comodidade a população servida aquella linha” (CARDOSO, 1938, p. 226).

⁴⁴ Ernesto Cardoso, “Nilopolis de Hontem e de Hoje”, 1938, p. 231.

⁴⁵ Idem, ibidem, p. 231.

⁴⁶ Idem, ibidem, p. 232.

⁴⁷ Idem, ibidem, p. 247.

⁴⁸ Idem, ibidem, p. 149.

⁴⁹ Idem, ibidem, p. 150.

⁵⁰ “Em 8 mezes apenas de existência, a Nova Cidade já contava com cerca de 50 casas residenciaes, índice seguro e eloquente do futuro risonho do novo bairro de Nilopolis, que se aproxima, veloz, dada a exuberância de suas terras, a poética situação topográfica, a localização central, pois dista pouco da Estação férrea, com comunicação por uma das principaes e movimentadas ruas – a rua Julio de Abreu – e, além de tudo, a próxima electrificação da linha tronco de Central, que porá em constante comunicação Nilopolis com a Capital da República, na rapidez de 30 minutos” (CARDOSO, 1938. p – p. 251, 252).

seguida passado para seu neto, o capitalista dr. Octavio Ribeiro de Faria Braga, que mais tarde vendeu a Manoel Fontinho e com a morte destes seus herdeiros venderam a propriedade para o sr. José Pinto de Lima, que loteou e vendeu a preços módicos cada pedaço de terra.

Em 20 de maio foi de 1937 foi inaugurado o CENTRO DE PROPAGANDA COMMERCIAL DE NILOPOLIS, através dos srs. Frederico Barbosa e João de Almeida Marques, com a instalação de “um alto-falante de grande potência e um studio de radio numa dependência da Casa Vermelha, na praça Paulo de Frontin”. (CARDOSO, 1938, p. 257). Servia de propaganda para o comércio e indústria locais e outros fatos sociais da localidade.

Em outro capítulo o autor fala sobre o CAFÉ PAULICÉA, inaugurado em 17 de julho de 1937 à rua General Mena Barreto, 4-D de propriedade de Antonio J. da Silva.⁵¹ Tão logo foi inaugurado, revolucionou o comércio da cidade, por seu aroma deliciosos e sabor apurado, afastando seus concorrentes.

Em alusão a visita de Nilo Peçanha, o autor comenta sobre o tema em A VISITA DE NILO PEÇANHA – INAUGURAÇÃO DA LUZ ELECTRICA. (CARDOSO, 1938, p. 63). Após o convite feito pelo Bloco Progresso de Nilópolis, o presidente Nilo Peçanha agendou sua visita para o dia 27 de agosto de 1916. A cidade ficou em polvorosa, os moradores fizeram uma limpeza nos lugares que estavam mais em evidência, outros caiaram suas casas e pintaram a fachada. Dr. Luiz Pradez, alto funcionário da Inspeção de Iluminação não mediu esforços junto a Light para que no dia da visita fosse inaugurada a energia elétrica nas avenidas Lazaro de Almeida e Mirandela e na travessa Justina. Esse melhoramento foi custeado pelos integrantes do Bloco e comerciantes locais, segundo o autor, a despesa custou oito contos de reis. No dia marcado, Nilo Peçanha chegou, sendo recebido pelos moradores, pelos principais membros do Bloco e pelo Manoel Reis e outras autoridades de Nova Iguaçu. Passeou pela Avenida Mirandela em um bonde cargueiro emprestado da Carril Melhoramentos de Iguaçu, indo até à rua Roldão Gonçalves até “onde havia chegado o primeiro pedaço da linha em construção”⁵². Após discursos das autoridades locais o presidente deixou

⁵¹ “Experiente industrial, o Café Paulicéa revolucionou de logo o commercio do ramo de nossa cidade, afastando os concorrentes com uma facilidade surpreendente. Explica-se o fenômeno: o grão oriundo das melhores procedências paulistas, depois de submetido a meticolosa escolha e torrado e moído por processos especiaes, debaixo de rigorosa limpeza, asseio e hygiene, e emballao a capricho, vae, com o seu aroma delicioso e sabor excelente, recrear o paladar dos nilopolitanos. Ahi temos mais uma indústria que muito enobrece a Nilopolis”. (CARDOSO, 1938, p-p. 259, 260).

⁵² CARDOSO, Ernesto, “Nilopolis de Hontem e de Hoje”, 1938, p. 68.

mensagem para esse povo que tão bem o recebera.⁵³ Em seguida despediu-se e se foi para a Capital, ficando a cidade com ônus da energia elétrica sendo custeada pelos moradores e comerciantes locais que faziam economia só acendendo em noites em que não havia a claridade da lua e nas demais noites “permanecia acessa das 18:30 ou das 19 às 21 horas e das 3 às 4 ou 4:30 horas da manhã”⁵⁴. Cardoso elucida que o relógio e as chaves “estiveram instalados na Padaria São Matheus, do lado esquerdo da estação, cujos comerciantes ligavam e desligavam a luz”⁵⁵.

Em continuação ao tópico sobre a visita de Nilo Peçanha, o autor discorre sobre a AUTONOMIA DA LOCALIDADE. Por ocasião da visita do então presidente Nilo Peçanha foi feita uma explanação dos inconvenientes a que estava sujeita a cidade sob a administração de São João de Meriti, tudo que se relacionasse a fiscalização, registro civil e outros serviços os moradores tinham que se dirigir a outro distrito havendo assim a solicitação de que pudesse intervir no sentido de que a cidade tivesse mais autonomia. E assim no dia 09 de novembro de 1916, Engenheiro Neiva foi elevada à categoria de 7º Distrito de Nova Iguaçu, pela Lei 1332 (CARDOSO, 1938, p. p. 73 – 74). Em seguida o autor descreve a nova visita de NILO PEÇANHA NA TERRA, DE NOVO. Segundo o autor, havia duas correntes políticas distintas à época, porém, ambas “nilistas” (CARDOSO, 1938, p. 119), a mais antiga tinha como chefe distrital o capitão Dorinho e como chefe municipal Manuel Reis, a corrente mais nova fora fundada em 21 de abril de 1921, tendo como chefe local o coronel Júlio de Abreu. Diz que havia certa desarmonia entre eles visto cada um querer desfrutar o prestígio do chefe central, Nilo Peçanha. Cita que o coronel Julio de Abreu para provar o seu prestígio organizou uma comissão com elementos do Bloco Progresso de Nilópolis foi à casa de Nilo Peçanha e o convidou a rever a cidade de seu nome e perceber o seu progresso. Nilo Peçanha percebeu o objetivo real do convite, não declinou desse pedido, mas disse que iria, mas em caráter particular. E, às 9:13 horas da manhã de 31 de julho de 1921 eis que retornava a Nilópolis o dr. Nilo Peçanha e comitiva.⁵⁶ Percorreu alguns trechos já percorrido em visita anterior e percebeu “outros aspectos de vida algum progresso”

⁵³ “(...) fervoroso apelo a população para que ela não admitisse a intromissão da política em seu seio, afim de que o progresso que aqui se espraiava, numa eloquente demonstração de trabalho fecundo e expressão de civismo e economia política, não viesse a ter a sua (...) cortada pelas injunções partidárias, sempre prejudiciais ao progresso e à grandeza da Patria”. (CARDOSO, 1938, p. p. 68 – 69).

⁵⁴ Ernesto Cardoso, “Nilopolis de Hontem e de Hoje”, 1938, p. 70.

⁵⁵ “O governo Municipal do dr. Octavio Ascoly, ali pelo anno de 1925, é que assumiu o compromisso do pagamento do consumo de luz de Nilópolis”. (CARDOSO, 1938, p. 70).

⁵⁶ “(...) dr. Fernando Mendes de Almeida, dr. Mario Valladares, este representando o dr. Paulo de Frontin, dr. Conrado Muller Campos, dr. Pereira Prata, coronel Julio de Abreu, dr. Paulo Faria e o acadêmico Gustavo de Areu, além de representantes da heprensa e outros cavalheiros” (CARDOSO, 1938, p. 121).

(CARDOSO, 1938, p. 120) rumou em seguida ao Cortume Americano, apreciou minuciosamente todas as dependências extasiando-se com “a perfeição dos produtos ali confeccionados” (CARDOSO, 1938, p. 121). Tal foi seu entusiasmo que imediatamente felicitou o comerciante, “num improviso decisivo, dizendo da evidência da indústria, pois que na guerra de 1914, já as nações se haviam enfrentado pelas armas em consequência de tal calamidade o mundo sofreu horrível crise, mas que resolvida esta, nova batalha se iria travar na economia das indústrias e do comércio para o desenvolvimento e bem-estar da Patria”. (CARDOSO, 1938, p. 122). Prosseguindo em seu discurso, lembrou de sua passagem pela Europa, que na ocasião percebeu a importância da indústria no progresso das nações, “e que, por isso, aconselhava o povo de Nilópolis a continuar na sua rota de produção, pois o que se descortinara a seus olhos, se devia exclusivamente á capacidade e iniciativa dos habitantes da cidade”. (CARDOSO, 1938, p. 122). Prosseguindo em sua visita dirigiu-se ao escritório de terrenos do dr. Octavio Braga, foi-lhe apresentado o livro para registro de visitas, onde ele deixou a sua impressão.⁵⁷

Em seguida Cardoso fala sobre as escolas da localidade, inicia com A PRIMEIRA ESCOLA de São Matheus com a pedra fundamental lançada em 02 de fevereiro de 1914 pelo professor Franklin Cordeiro de Carvalho no lote 203, situado à rua Otávio Braga⁵⁸. Tendo como data de inauguração o dia 13 de junho do mesmo ano, com o nome de Externato Nilo Peçanha e com 19 crianças matriculadas. (CARDOSO, 1938, p. p. 33 – 34).

A localidade agora contava com uma escola particular, mas percebeu-se que havia ainda muita procura por vaga e carência de espaço. O Bloco Progresso de Nilópolis fez intervenção através de Manoel Reis que não mediu esforços junto aos Órgãos competentes e logrou êxito no dia 21 de março de 1917, a criação da PRIMEIRA ESCOLA PÚBLICA, “escola mixta estadual”, (CARDOSO, 1938, p. 79) em um prédio sito à praça Paulo de Frontin, sob a direção de d. Maria Aparecida Cruz. E nessa mesma praça em frente ao prédio número 2 e em torno no dia 23 de setembro de 1917 foram plantadas pequenas mudas de oitis, sob a iniciativa da Senhora Maria da

⁵⁷ “Aqui estive, há uns cinco anos e havia então umas quatro ou cinco casas – hoje encontro cerca de mil e trezentas. Vi cidades na Europa que devem o que são a Reis e Presidentes. Nilópolis deve o que é á energia patriótica e á união sagrada de seus filhos. – É com satisfação e justiça que reclamam o primeiro lugar para o Coronel Julio de Abreu. Nilo Peçanha. (CARDOSO, 1938, p.122).

⁵⁸ “O mestre-escola, transformado, agora, em construtor, erguia ali uma casa de estuque, coberta de sapê – humilde tugúrio (habitação pequena e pobre), em flagrante contraste com a grandeza d’alma e a rutilante inteligência que ia abrigar sob a modesta cumieira”. (CARDOSO, 1938, p.p. 33 – 34).

Conceição Cardoso. E assim foi A Primeira Comemoração do Dia da Árvore. (CARDOSO, 1938, p. p. 81 - 82).

Após a Escola particular e em seguida a criação da Escola pública estadual, a localidade pleiteou e contou também com A PRIMEIRA ESCOLA MUNICIPAL, que, segundo Cardoso, foi construída na “Chatuba, um bairro afastado do centro” (CARDOSO, 1938, p. 167), o bairro contava com número elevado de habitantes visto haver água fresca em abundância, “pomares de laranjas e muitas plantações de legumes” (CARDOSO, 1938, p. 167). Fundada em 23 de junho de 1928, assim foi lavrada a Ata desse ato:⁵⁹ A localidade contou ainda com o COLLEGIO PAROCHIAL S. JOSÉ, fundado em 3 de novembro de 1929, pelo padre João Murch, que teve seu funcionamento, em caráter provisório, “na sala da sacristia da Igreja de N. S. da Conceição”. (CARDOSO, 1938, p. 203). No primeiro ano de funcionamento contou 90 alunos matriculados. A localidade contou ainda com o INSTITUTO EDUCATIVO DOUTOR JULIO DE ABREU GOMES, inicialmente, em sua fundação, em 21 de fevereiro de 1926, na casa nº 04 da rua Georgina Moreira tomou o nome de Externato Santa Therezinha, sob a direção da professora Stella Queiroz Pinheiro e seu esposo João Pinheiro. Mais tarde como aumentou o número de alunos matriculados houve a necessidade de mudar para instalações maiores, o que foi feito em 07 de setembro de 1935, passando para a rua General Menna Barreto, passou a denominar-se Instituto Educativo de Nilópolis. No entanto, para melhor acomodar o grande número de alunos aconteceu nova mudança, o sobrado nº 30-32 da Praça Paulo de Frontin.⁶⁰

Cardoso apresentou em sua obra as festas acontecidas na localidade, iniciou pela “FESTA DE SÃO MATHEUS”⁶¹ realizada no dia 21 de setembro de 1914, diz que a

⁵⁹ “Aos vinte e três dias do mês de Junho do anno de mil novecentos e vinte e oito da era Christã, na localidade de Nilopolis, sétimo districto do Municipio de Iguassú, e no lugar denominado Chatuba, á rua Dr. Godoy numero trezentos e setenta e oito, com a presença das pessoas abaixo assignadas, entre as quaes o representante do Ilmo. Snr. Prefeito Coronel João Telles Bittencourt, inaugurou-se a Escola Barão de Mauá. A professora Floripes da Cunha que dirige a escola, expos aos presentes os devotados desejos que ella e com ella a população da Chatuba, tinham na creação desse grande melhoramento para a localidade. Depois falou o jornalista Ernesto Cardoso quem em nome do Sr. Prefeito, deu por inaugurada a Escola, felicitando a população da Chatuba e aos beneméritos iniciadores da creação d’esta escola. Do livro de matrícula consta a inscrição de sessenta e um alumnos de ambos os sexos. Outras pessoas de destaque usaram ainda da palavra, sendo, então, encerrada a sessão inaugural. E, para os devidos fins, eu Mario R. de Castro e Silva, aclamado secretário da sessão, lavrei a presente acta que vai por todos os presentes subscripta. Nilopolis, em 23 de Junho de 1928. - Pelo Sr. Coronel João Telles de Bittencourt, Prefeito do Municipio de Iguassú, Estado do Rio, Ernesto Cardoso, Floripes Vieira da Cunha, José Vieira da Cunha. (Seguem-se 98 assignaturas)”. (CARDOSO, 1938, p -p. 167 -168).

⁶⁰“Com o falecimento do Dr. Julio de Abreu Gomes, o corpo docente, numa justa e merecida homenagem ao saudoso educador, em reunião realizada a 12 de novembro de 1936, deu o seu nome ao estabelecimento de ensino, que passou então a designar-se: INSTITUTO EDUCATIVO DOUTOR JULIO DE ABREU GOMES” (CARDOSO, 1938, p. 242).

⁶¹ “A primeira festa em louvor a São Matheus, realizada após inaugurada a venda de terrenos”.

população se vestiu de forma festeira e que viera pessoas da Capital da República para prestigiar a festa, além “trabalhadores das turmas da conserva da Central do Brasil, desde Cascadura e Belém”⁶², visto que o principal organizador da festa ter sido durante anos, o “feitor de uma das turmas de conservas”⁶³, Ignacio Vicente Serra, “residente em terras da Fazenda São Matheus, no lugar denominado ainda hoje como Cabuhys”⁶⁴.

Cardoso vai falar também sobre A PRIMEIRA BATALHA DE “CONFETTI” ocorrida em 10 de janeiro de 1921, comandada por Antônio Augusto Corrêa, sendo escolhida para o evento a Praça Paulo de Frontin, animada pela banda do Batalhão Naval, com as “seguintes pessoas integrantes do grupo”⁶⁵ que fez soar o clarim da folia, pela primeira vez, na cidade embrionária” (CARDOSO, 1938, p. 107). Nos anos seguintes a fama do carnaval de Nilópolis cresceu de tal forma que ultrapassou as fronteiras chegando à Capital da República.

O autor apresentou o GREMIO RECREATIVO THEATRAL DE NILOPOLIS, informando que a localidade sentia a necessidade de um “passatempo elegante”, sendo assim um grupo de pessoas aventou a possibilidade da criação ou fundação de um grêmio onde pudesse ser cultuada a arte de João Caetano. Reuniram-se em casa do capitão Benedito Vicente Serra, no dia 03 de abril de 1921, sob a presidência de Augusto Cesar de Aguiar e como secretário Virgínio Rodrigues de Oliveira. Foram eleitos para assumir a diretoria: “Augusto Cesar de Aguiar, presidente; José Fernandes Duarte, secretário; capitão Benedito Serra, tesoureiro; Alfredo da Silva Freire e Arthur Pires de Lima, procuradores”. (CARDOSO, 1938, p. 115). Como primeiro ato da diretoria foi a compra de um terreno para sediar o Grêmio sito à rua Coronel Antônio Ribeiro, em seguida, a construção de um barracão. A direção do grêmio enviou um ofício no dia 15 de outubro de 1920, ao capitão Mario de Moura Almeida, vereador local junto à Câmara de Iguaçu solicitando auxílio para a construção do edifício. “Este apresentou um projeto na Câmara considerando o Grêmio Recreativo Theatral de Nilopolis, utilidade pública municipal e, ao mesmo tempo, fosse autorizado ao Executivo a abertura de um crédito de dois contos de reis para o fim solicitado, tendo a Câmara aprovado, por unanimidade, as justíssimas pretensões”⁶⁶.

(CARDOSO, 1938, p. 36).

⁶² Ernesto Cardoso, “Nilópolis de Hontem e de Hoje”, 1938, p. 36.

⁶³ Idem, ibidem, p. 37.

⁶⁴ Idem, ibidem, p. p. 36 – 37.

⁶⁵ “José Maria Ferreira, Benedito Serra, João Baptista Rodrigues, Antonio Pires, Carlos Pires de Lima e José Vieira da Costa”. (CARDOSO, 1938, p. 107).

⁶⁶ Ernesto Cardoso, 1938, p. 116.

Nessa obra o autor ressalta a criação do ESPECTACULO THEATRAL, criado pelo professor de música Antônio Correa, dono de um bar situado em um prédio de esquina da praça Paulo de Frontin com a avenida Francisco de Almeida, fundou ao lado do seu bar em 03 de março de 1921 o Grêmio Recreativo Musical de Nilópolis. Cardoso recorda “as distintas e conceituadas famílias Albuquerque, Pamplona Côrtes, Benedicto Serra, Antonio Corrêa, Pires de Lima, Moraes Cardoso, Saldanha, Gigliotti de Barros, Vieira e muitas outras de destaque social que frequentavam, com assiduidade, a casa de diversões de requintada familiaridade”⁶⁷. Com destaque para a orquestra, tendo como diretor o professor de música e suas duas filhas, Olga e Elva, violinistas e bandolinistas e ainda, alunos de Antônio Corrêa. Em 15 de maio de 1921 aconteceu uma representação teatral de programa variado. O drama “A ronda que passa”, a comédia “O empresário que não come pera” e outros números⁶⁸. Cardoso ressalta que O Grêmio Musical de Nilópolis deixou de existir no ano de 1924.

Entre os relatos estão ainda o CONCURSO DE BELLEZA NO MUNICIPIO DE IGUASSÚ, realizado em 26 de março de 1922, já em 1921 se cogitava em fazer um concurso de beleza e no município de Iguassú o patrocínio coube a revista “Nilopolis” seguida por outros órgãos de imprensa à época “Correio da Lavoura”, “Divisa” e o “Mosquito”⁶⁹, trabalho iniciado em dezembro daquele ano e encerrado em 19 de março de 1922. O primeiro lugar conquistado foi Nova Iguaçu com 912 votos, “para a senhorita Maria Laura Pereira”⁷⁰. E em segundo lugar ficou para Nilopolis, com 333 votos e como ganhadora a senhorita Maria da Conceição Barros. E o PARQUE AMERICANO DE DIVERSÕES situado na esquina da Avenida Mirandela com rua Coronel Antonio Ribeiro, inaugurado em 26 de junho de 1935 pelo sr. Antonio Augusto Aguiar. “Theatro ao ar livre, balanços, danguel, roda gigante e barraquinhas de jogos de habilidade, musica e outras coisinhas mais, criam o ambiente que delicia, encanta e alegra os inúmeros frequentadores de todas as idades (...)” (CARDOSO, 1938, p. 237). O autor sinaliza que não poderia deixar de citar esse empreendimento no trabalho, pois foi um fator de progresso para a cidade.

Já TEIMOSOS DE NILOPOLIS, fundado em 15 de novembro de 1924, o autor se refere ao Grêmio Recreativo Teimosos de Nilópolis. Foi criado pelo músico e maestro Djalma de Castro, nos anos de 1927 a 1929 “Os Teimosos” fizeram um

⁶⁷ Idem, ibidem, p. 117.

⁶⁸ Idem, ibidem, p. 118.

⁶⁹ Idem, ibidem, p. 137.

⁷⁰ Idem, ibidem, p. 138.

excelente carnaval. Seu primeiro presidente foi o sr. Amadeu Lara, reeleito por três anos consecutivos tal a sua eficácia à frente da banda. O autor apresenta mais alguns blocos que fizeram o carnaval dessa linda localidade um sucesso.⁷¹ Cita também o PARQUE E RINK DE PATINAÇÃO DE NILOPOLIS inaugurada no dia 15 de agosto de 1934 pelos irmãos Ernani e Adroaldo Teixeira, em espaçosa área da travessa São Matheus e Mario Monteiro. (CARDOSO, 1938, p. 229)

Em seguida Cardoso vai falar sobre PAVILHÃO DA CIDADE, moradores achavam por bem criar “o Pavilhão local” um símbolo para a cidade, e assim fizeram, cada um apresentou um modelo, e no dia designado para escolha o ganhador foi o coronel Antonio Benigno Ribeiro. “Em 04 de junho de 1916, o Pavilhão⁷² da cidade tremulava, pela primeira vez, nas fachadas das vivendas do seu autor, do coronel Julio de Abreu e dr. Luiz Pradez, tendo sido o acontecimento com pomposa festividade”. (CARDOSO, 1938, p. 55).

Ernesto Cardoso dedica um capítulo a JOÃO ALVES DE MIRANDELLA⁷³, explica a citação do nome logo no início do livro, como sendo proprietário da Fazenda de São Matheus “e ao qual nessa qualidade, se deve a fundação da cidade”⁷⁴. Tece elogios a Mirandella, tais como, “homem modesto”, “homem virtuoso”⁷⁵. Diz ser sua fortuna oriunda de negócios de muares, chegando a ser um dos maiores fornecedores ao Exército Nacional. Fixou residência em Irajá pouco frequentando a cidade que fundara, deixou os negócios em mãos do sr. Victor Ribeiro de Faria Braga. Sinaliza a última visita teria sido em “10 de outubro de 1918, a fim de assistir á celebração de um acto civil de que fazia parte pessoa de sua família”⁷⁶. Pouco tempo depois sofreu uma enfermidade que o deixou no leito, vindo a falecer em 25 de fevereiro de 1921, com mais ou menos oitenta anos de idade. Finaliza com o seguinte registro: “Obedecendo a

⁷¹“Bloco Trovadores de Nilopolis”, fundado em 31 de dezembro de 1924, à rua coronel Julio de Abreu, 14, e que nos carnavaes que se sucederam até 1930, alcançou sempre o prêmio em harmonia e canto. “Paladinos de Nilopolis”, fundado em 23 de junho de 1927, sobrado 339 da avenida João Pessoa e constituída da nata social da cidade. “Caprichosos de Nilopolis”, fundado em 1924, à rua Clarahyde. “Borboletas Vaidosas”, fundada em 1914. E “Turunas de Nilopolis, fundada em 1931. (CARDOSO, 1938, p. 148).

⁷² “A bandeira da cidade era de fundo branco e azul celeste, tendo em diagonal as côres do Pavilhão Nacional, com o capacete da República; no canto ao alto, o sol, e no canto embaixo, algumas árvores inclusive palmeiras e intercalados alguns arbustoides”. O branco, symbolisando a paz; o azul, o lindo céu nilopolitano; o sol, o direito para todos; a matta, reminiscências de onde surgira a cidade; o verde e amarello, o symbolo da Patria; e o capacete, o espirito republicano dos habitantes da cidade”. (CARDOSO, 1938, p. 56).

⁷³ “Mirandella, ainda moço, deixou a sua terra natal, o velho e glorioso Portugal, em busca de melhores dias no Brasil”. (CARDOSO, 1938, p. 113).

⁷⁴ CARDOSO, Ernesto, “Nilopolis de Hontem e de Hoje”, 1938, p. 113.

⁷⁵ Idem, ibidem, p. 113.

⁷⁶ CARDOSO, Ernesto, “Nilopolis de Hontem e de Hoje”, 1938, p. 114.

um dever de justiça, aqui deixamos estes ligeiros traços sobre João Alves de Mirandella, para que os posteriores, ao comemorarem o advento da cidade, não esqueçam a figura honrada e respeitável do seu fundador”⁷⁷.

Ernesto Cardoso tece comentários em seu texto sobre os TEMPLOS EVANGÉLICOS DE NILOPOLIS, delimitando o período de 07 de setembro de 1918 e 08 de janeiro de 1933. Relata que em 1915 começou em uma residência particular dos moradores sr. Augusto Aparício e sua esposa, d. Herminda de Azevedo, a rua Comendador Soares, 181. Sendo esses moradores, segundo o autor, os primeiros e principais incentivadores da igreja presbiteriana nessa localidade. Ressalta que o espaço era bastante reduzido não comportando tantos devotos, procedeu-se então a quotização entre “os fervorosos crentes, destinado a edificação do Templo próprio”⁷⁸. Com a ação concretizada a pedra fundamental foi lançada em 07 de setembro de 1918, em terreno cedido por Augusto de Azevedo, situado a rua Coronel Antônio Ribeiro, sendo inaugurado o Templo, segundo o autor, de estilo moderno para a época no dia 14 de julho de 1919, com a seguinte denominação “Egreja Presbiteriana de Nilopolis”⁷⁹, o primeiro pastor foi o dr. Álvaro Reis, com auxílio do dr. Vitor Coelho de Almeida.⁸⁰

Em continuação ao tópico, Cardoso vai falar sobre a EGREJA NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DE NILOPOLIS, destaca que a Capela de São Matheus tornou-se muito pequena para uma população cada vez maior e que os membros dessa irmandade se cotizaram e adquiriram um terreno na avenida Francisca de Almeida, para a construção de um novo Templo que acomodasse o grande número de fiéis, lançando a pedra fundamental no dia 11 de abril de 1920, “com a presença de altas personalidades do Cléro e muitas pessoas do povo”⁸¹. Em seguida o autor apresenta o relato desde a fundação da obra.⁸² Ressalta as qualidades do padre João Much “desde que assumiu a gestão do vigário desta cidade, já concorreu com uma parcela respeitável para o desenvolvimento da sua obra apostólica, cuja soma de eleva a 73 contos de reis”⁸³.

⁷⁷ Idem, ibidem, p. 114.

⁷⁸ Idem, ibidem, p. 87.

⁷⁹ Idem, ibidem, p. 88.

⁸⁰ “Outros templos evangélicos foram fundados posteriormente na cidade, entre eles sobressahindo-se o da Egreja Congregacional de Nilopolis, á rua General Menna Barreto, 124, cuja construção iniciada em 2 de setembro de 1927, foi concluída em 8 de janeiro de 1933”. (CARDOSO, 1938, p. 88).

“Nesse mesmo dia teve lugar a oficialisação dos cultos, obedecendo o acto de solenidades de estylo, com a presença de elementos, de renomado prestígio na alta esfera evangélica”. (CARDOSO, 1938, p. 88).

⁸¹ CARDOSO, Ernesto, “Nilopolis de Hontem e de Hoje”, 1938, p. 97.

⁸² “Desde essa data até o anno de 1929, foi levantada a sachristia e parede baixa de granito. Em principio de 1930, a direção da Irmandade fez erguer as paredes lateraes. Á custa de muitos sacrificios, o padre João Much consegue levantar a frente, cobril-a e erigir a torre”. (CARDOSO, 1938, p. 98).

⁸³ Ernesto Cardoso, “Nilopolis de Hontem e de Hoje”, 1938, p. 98.

Em alusão às Igrejas, menciona a DEVOÇÃO DO DIVINO ESPIRITO SANTO, pois no dia 16 de maio de 1937 se deu a solenidade do lançamento da pedra fundamental da Igreja do Divino Espírito Santo, no lote de terreno nº 31 da rua Wenceslau Braz, no bairro de Olinda, terreno doado pelo dr. Sylvio Martins Teixeira, com presença de altas autoridades eclesiásticas e locais. Tendo sua diretoria composta pelos srs: “Manoel Rodrigues Netto, presidente; Pedro da Veiga, vice-dito; Gastão Guingues, 1º secretário; João da Silva, 2º dito; José do Amaral, 1º tesoureiro; Carlos de Souza Fernandes, 2º dito; e Caros Alves de Oliveira, procurador”⁸⁴.

Ernesto Cardoso dedica em sua obra um tópico sobre a imprensa, iniciaremos pelo item “NILOPOLIS”, com a seguinte ressalva do autor: “Pelo título que encima estas linhas, parece que nos vamos referir a Nilopolis-cidade. Não. Vamos-nos reportar “Nilopolis” – revista”⁸⁵. Diz ser uma singela homenagem a um veículo “a quem a Sociedade dos últimos tempos deve a maior percentagem da cultura moral e dos progressos materiais que vem fruindo”⁸⁶. O autor informa a necessidade de enaltecer o periódico.⁸⁷ Apresenta uma síntese do surgimento da revista- Magazine, em 15 de novembro de 1918.⁸⁸ Continua discorrendo e enaltecendo o surgimento da revista “Nilopolis” tendo como coordenador Gustavo de Abreu e seu colaborador o escritor consagrado à época Paula Faria, ressalta que “Nilopolis” foi sempre e sempre, durante seis anos de sua existência, a sentinela avançada e trombeteante na reivindicação de todos os movimentos cívicos e patrióticos da cidade-Nilo”. (CARDOSO, 1938, p. 92). Termina a pequena homenagem à revista com calorosas palavras de enaltecimento.⁸⁹ Conclui com a seguinte frase: “A “Nilopolis” muito nos auxiliou, concorrendo com alguns dados sobre datas e alguma colaboração para o presente trabalho”⁹⁰.

Em seguida, o autor vai comentar sobre O PRIMEIRO CONCURSO DE BELLEZA, ocorrido em 15 de novembro de 1919, ressalta que, com apenas cinco anos de existência a localidade já contava com “um círculo social apreciável, digno de

⁸⁴ Idem, ibidem, p. 255.

⁸⁵ Idem, ibidem, p. 91.

⁸⁶ Idem, ibidem, p. 91.

⁸⁷ “E se não o fizéssemos, trahiriamos a própria consciência, faltando ao mais dos sagrados deveres, deixando no olvido a “Nilopolis” – revista que, para Nilopolis-cidade, foi – ninguém o ouza negar – o motor gigantesco do seu formidável progresso”. (CARDOSO, 1938, p. 91).

⁸⁸ “(...) surgia o magazine-controle de todas as iniciativas que desde então vieram enriquecer o patrimônio moral e material da cidade que lhe emprestou o nome”. (CARDOSO, 1938, p. 91).

⁸⁹ “(...), dizendo que “Nilopolis”-revista foi para Nilopolis-cidade, o fator preponderante no desenvolvimento de sua vida social, moral e material, julgamos ser o bastante para se avaliar o quanto ella representa nas paginas fulgurantes de sua historia – corollario de triunfos redoidados de beleza edificantes”. (CARDOSO, 1938, p. 92).

⁹⁰ Ernesto Cardoso, “Nilopolis de Hntem e de Hoje”, p. 92.

registro especial”⁹¹. Acrescenta que a revista “Nilopolis” colaborou com a organização do concurso.⁹² O autor demonstra que esse fato evidencia que os primeiros habitantes dessa localidade “cultivavam a sociabilidade, como meio elegante, educativo, em distrahir e confortar o espírito combalido pelas árduas lutas da vida”. (CARDOSO, 1938, p. 96).

Seguindo com o tópico sobre a imprensa, Cardoso vai se referir a NILOPOLIS-JORNAL. O tema surge da necessidade de que houvesse um veículo de comunicação entre os poderes públicos e a população e até mesmo servindo de passatempo. Após algumas considerações sobre o nome escolhido chegou-se à conclusão sobre o título. “Nilopolis-Jornal”, inaugurado em 02 de maio de 1926, com grande destaque no Município de Iguaçu e no Estado do Rio de Janeiro. No entanto deixou de existir no dia 07 de dezembro de 1930, de acordo com o fato ocorrido.⁹³

Em outra parte do livro o autor discorre sobre NECROPOLES DA CIDADE. De a muito que os moradores locais pleiteavam a construção de um cemitério local, devido ao número crescente da população que viu lograr êxito na administração Arruda Negreiros em 12 de novembro de 1932.⁹⁴ Ainda foi na gestão de Arruda Negreiros que começou a funcionar a POLYCLINICA DE NILOPOLIS fundada em 18 de outubro de 1933 e inaugurou “em 20 de dezembro de 1936, diversos ambulatórios na tradicional Capella São Matheus adquirida e adaptada para esse fim, com fundos sociaes da instituição”⁹⁵. Vale salientar os trabalhos “inauditos e proveitosos do sr. Benedicto Vaz Vieira”⁹⁶. Em seguida o autor vai se referir ao Instituto de ASSISTENCIA MEDICA E SOCIAL DE NILOPOLIS, fundada em 10 de agosto de 1937, situado à avenida

⁹¹ Idem, ibidem, p. 95.

⁹² “(...) com as pompas de estylo, eram coroadas as vencedoras, cabendo o primeiro lugar a sta. Elly de Abreu, filha do coronel Julio de Abreu, e o segundo lugar a sta. Innocencia Cardoso, filha de sr. João de Moraes Cardoso”. (CARDOSO, 1938, p. 95).

⁹³ “Um grupo de cavalheiros, ambientado pelo novo estado de cousas que a Revolução victoriosa creou, queimou a edição desse dia e tudo mais que encontrou na redação, pelo grande crime do diretor-proprietário ter sido adepto do governo descabido”. “(...) Vários outros órgãos de publicidade circularam antes e depois de Nilopolis-Jornal. Nos lembramos de “O Imparcial” que, sob a direção do capitão Deodoro de Alvarenga Ribeiro, circulou, quinzenalmente, de 3 de julho de 1921 a março de 1922. “O Lidador” de propriedade e direção de Severino Lopes, fundado em 14 de novembro de 1926, circulou 2 vezes. “A Lucta”, de propriedade e direção de Xavier Magalhães de Freitas, circulando 3 meses do anno 1926. “O Vigilante”, da escriptora Clarahyde Gonçalves Ferreira, circulou alguns mezes. “Correio de Nilopolis”, dirigido por Fernando Alves Junior, vindo à luz da publicidade em 22 de dezembro de 1929, e que interrompe de quand9o em vez a circulação”. (CARDOSO, 1938, p. p. 155 – 156).

⁹⁴ “(...) Em virtude do sepultamento de corpos de pessoas de origem israelita obedecer a um systema diferente do nosso, a colônia israelita de Nilopolis adquiriu uma área térrea de 10 mil metros quadrados, á rua Jenny, construindo ali o seu cemiterio, que foi dado por concluído em 17 de dezembro de 1933”. (CARDOSO, 1938, p. 222).

⁹⁵ CARDOSO, Ernesto, “Nilopolis de Hontem e de Hoje”, 1938, p. 223.

⁹⁶ Idem ibidem, p. 224.

Mirandela, por Benedicto Vaz Vieira, segundo Cardoso, “um baluarte da cidade”, diz que, o seu nome está ligado a quase todas as iniciativas locais”⁹⁷.

Ernesto Cardoso vai citar a Sociedade e Lacticínios União Limitada fundada em 05 de setembro de 1937, “instalado em edifício próprio, construído especialmente para tal fim, o primeiro e único entreposto de leite do município, à avenida Francisca de Almeida, 37 na nossa cidade”⁹⁸. A inauguração contou com a presença de autoridades municipais, estaduais e federais e pessoas de destaque no comércio, na indústria pastoril e na sociedade local. O autor destaca “o orgulho natural de que se sente Nilópolis, de lhe ter sido concedido a primazia de possuir, em seu território, o primeiro e único estabelecimento da saúde da população iguaçuana”⁹⁹.

O autor desenvolveu um tópico sobre a associação dos escoteiros, iniciaremos pela ASSOCIAÇÃO DE ESCOTEIROS DE OLINDA, fundada em 17 de agosto de 1937, tendo como presidente o dr. João Cardoso da Silva Junior, sendo “auxiliado pelo chefe geral Aristides, instructor- chefe João Ignacio e os subchefes Castilho e Gabriel”¹⁰⁰. Havia também a ASSOCIAÇÃO DOS ESCOTEIROS DE NILOPOLIS-GRUPO YPIRANGA, surgindo após um episódio vivenciado pelo sr. Odahil Azevedo Thompson no dia 05 de dezembro de 1926, indo com seu filho em uma feira à Nova Iguaçu, o mesmo se perdeu do pai, um grupo de escoteiros daquela localidade ajudou na recuperação do filho. O mesmo, em agradecimento pelo serviço prestado “resolveu fundar em Nilópolis uma associação escoteira”¹⁰¹. A Associação dos Escoteiros de Nilópolis, fundada em 19 de dezembro de 1926. Com formação inicial de diretoria: professor Franklin Cordeiro de Carvalho, presidente; Odahil de Azevedo Thompson, secretário; Gosminde Duarte e Amadeu Lara, respectivamente, primeiro e segundo tesoureiro. No entanto, por falta de incentivo e apoio coletivo foi extinto em 12 de julho de 1931. (CARDOSO, 1938, p. 158).

Cardoso dedicou uma parte da narrativa as agremiações sociais e políticas locais, a UNIÃO DOS COMMERCiantes E PROPRIETÁRIOS DE NILOPOLIS, a agremiação foi fundada em 12 de novembro de 1934, “sob os auspícios de uma Junta Governativa Provisória, incumbida da elaboração dos Estatutos, composta pelos srs. Roberto de Almeida, Fernando José Cordeiro e Carlos Barroso”¹⁰². Comentou ainda

⁹⁷ Idem, ibidem, p. 267.

⁹⁸ Idem, ibidem, p. p. 270 – 271.

⁹⁹ Idem, ibidem, p. 271.

¹⁰⁰ Idem, ibidem, p. 263.

¹⁰¹ Idem, ibidem, p. 158.

¹⁰² “Em 4 de janeiro do ano subsequente, era eleita a primeira Administração efectiva, assim constituída:

sobre o SYNDICATO DOS COMMERCiantes VAREJISTAS DO MUNICIPIO DE IGUASSÚ. Um grupo de comerciantes resolveu fundar uma sociedade destinada à defesa da classe. Reuniu-se no sobrado nr. 12 da praça Paulo de Frontin em 17 de janeiro de 1937 cerca de 40 comerciantes e levaram a efeito a fundação do Sindicato. Foi aclamada uma junta governativa, a fim de elaborar os estatutos formada pelos srs. Wenceslão dos Santos, Francisco Roberto de Almeida e Jayme da Cunha Lamas. “Essa agremiação de classe já tem a sua carta syndical, expedida em 21 de agosto daquele anno, sob o nr. 11.822”¹⁰³.

Em outro tema, Cardoso vai falar sobre a INDUSTRIA DE MOVEIS fundada em 15 de março de 1927, “fundada em uma pequena meia água”¹⁰⁴ construída à rua Dr. Mario Monteiro, nº 40, pelo sr. Max Lorenz. “O novo proprietário inaugurou a sua indústria de móveis, sem outros auxílios que não fossem um modesto banco de carpinteiro, a technica e a forte e tenaz disposição de vencer, por meio de um trabalho constante e produtivo”¹⁰⁵. Mais tarde a pequenina meia água foi aumentada, depois se transformou em um galpão, chegando a empregar até 20 operários.

Cardoso vai se referir à TYPOGRAPHIA NILOPOLIS, inaugurada em 02 de janeiro de 1931, situada à Avenida João Pessoa, 247.¹⁰⁶ Sendo seus fundadores Manoel Hurtado de Mendonça e Elpidio de Araujo. Seguindo o relato, Cardoso passa a falar sobre Estabelecimento Industrial que honra Nilopolis, fundado em 07 de maio de 1932. Seguindo as recomendações de Nilo Peçanha em sua segunda visita à esta localidade, onde ele aconselhou o investimento em indústria, moradores seguiram o conselho e dezenas de estabelecimentos fabris foram fundados. “Da vida industrial da cidade, faz-se mister destacar a Fábrica de Brinquedos, estabelecida à rua Emma de Abreu, 20, de propriedade da firma Voigt & Lewek” (CARDOSO, 1938, p. 212). Iniciou com 90 operários.

A partir da página 277 até a página 320 Ernesto Cardoso encerra o livro se referindo as Figuras proeminentes de Nilópolis. São eles, segundo o autor: Sebastião de Oliveira Castro, figura ilustre que prestou ajuda pecuniária a quem dele precisasse.

dr. Rosendo de Souza Filho, presidente; Benedicto de Oliveira, vice-presidente; Ernesto Cardoso, 1º secretário; Antonio de Oliveira Duarte, 1º thezoureiro; Delphim Silva, 2º thezoureiro; Cynesio Vieira Affonso, 1º procurador; e José Ribeiro, 2º procurador” (CARDOSO, 1938, p. 236).

¹⁰³ CARDOSO, Ernesto, “Nilopolis de Hontem e de Hoje”, 1938, p.249.

¹⁰⁴ Idem, ibidem, p. 159.

¹⁰⁵ Idem, ibidem, p. 159.

¹⁰⁶ “(...) dispunha apenas de um machina de impressão manual, com rama de 22x31, talvez tão velha quanto o próprio Guttenberg, creador da Imprensa”. (CARDOSO, 1938, p. 209).

Faleceu em 01 de outubro de 1932¹⁰⁷; Capitão José Ferreira da Costa Madeira, diz que “desde que a cidade foi elevada à categoria de Districto”¹⁰⁸ recebeu apoio do Capitão Madeira, que era “Escrivão de Paz, Oficial do Registro Civil e Tabellião da cidade, que desempenhou essas funções desde o advento do districto até meados do anno de 1936”¹⁰⁹. O autor expõe um pouco das realizações feitas pelo Coronel Julio de Abreu¹¹⁰. Diz que no início de 1914 comprou terrenos na Avenida Lazaro de Almeida e que ali ergueu a Villa Emma, “onde por muitos anos foi a sede do Bloco Progresso de Nilopolis”¹¹¹, do qual ele era presidente.

Já do Coronel Antonio Benigno Ribeiro, segundo o autor, nome que estaria em “primeiro lugar da Galeria dos Bemfeitores de Nilopolis”¹¹², discorre sobre alguns benefícios executados no município por Benigno Ribeiro, entre eles estão o “conserto de ruas, abertura e desobstrução de valas, limpeza de ribeiros e rios”¹¹³, além de ajudar aos pobres e desamparados da sorte. Francisco Pereira Mirandella, filho de João Alves de Mirandella, “que foi o proprietário da antiga Fazenda São Matheus e fundador da cidade de Nilopolis”¹¹⁴, Francisco Mirandella em 1914 construiu um conjunto das primeiras casas residenciais da cidade na praça Paulo de Frontin e avenida Francisca de Almeida, em uma dessas casa edificada Nilo Peçanha foi acolhido “quando lhe foi oferecido um banquete pelo Bloco Progresso de Nilopolis”¹¹⁵;

João Ferreira Guimarães, de origem lusa, ao chegar à localidade dedicou-se à plantação de laranjas, “não demorou que se tornasse exportador do rico pomo de ouro

¹⁰⁷ “Com a intervenção Aurelino Leal no Estado, em 1923, Sebastião foi nomeado subdelegado de polícia e mais tarde fiscal municipal do districto, passando a acumular as funções até 1930, desempenhando-as com dignidade e acerto. Subchefe político local, sob a bandeira do Partido Republicano Fluminense (...), com o advento da Revolução de 1930 passou a exercer somente as funções de fiscal do districto até o dia que entregou a sua alma ao Creador. Morreu pobre, extremamente pobre”. (CARDOSO, 1938, p. p – 219, 220).

¹⁰⁸ CARDOSO, Ernesto, “Nilopolis de Hotem e de Hoje”, 1938, p.239.

¹⁰⁹ “Em 19 de setembro de 1936, a morte colheu-o aos 72 anos, verificando-se o desenlace em sua residência á rua Commendador Soares, nr.146” (CARDOSO, 1938, p. 240).

¹¹⁰ “A todos, senão quase todos os empreendimentos realizados na nossa cidade, desde 1914 a 1924, o nome de Julio de Abreu está ligado, como um dos seus inspiradores e principais obreiros. Em princípios do anno de 1914, adquiriu dois terrenos á avenida Lazaro de Almeida, hoje João Pessôa, esquina da rua Engenheiro Neiva, fazendo ergue ala a Villa Emma, onde por muitos anos foi a sede do Bloco Progresso de Nilopolis, de que Julio de Abreu era Presidente. (...). Depois de longos anos de trabalhos exaustivos em prol do bem, Julo de Abreu, forçado por interesses particulares, ausentou-se para o Estado de Minas, deixando, todavia, em Nilopolis, uma passagem de empreendimentos fulgurantes, que tornou a cidade grande, bela e portentosa. Em 17 de julho de 1937, Julio de Abreu falecia no Rio Grande do Sul” (CARDOSO, 1938, p. 246).

¹¹¹ CARDOSO, Ernesto, “Nilopolis de Hontem e de Hoje”, 1938, p. 111.

¹¹² Idem, ibidem, p. 279.

¹¹³ Idem, ibidem, p. 279.

¹¹⁴ CARDOSO, Ernesto, “Nilopolis de Hontem e de Hoje”, 1938, 281.

¹¹⁵ Idem, ibidem, 1938, 282.

para o estrangeiro”¹¹⁶, dedicou parte de sua fortuna na construção de casas, loteou e vendeu terrenos à preços módicos, no trecho compreendido “entre as ruas Coronel Soares, Octavio Braga, França Soares e Avenida Mirandella”¹¹⁷; Doutor José Queiroz Lopes, entre outros auxílios à cidade podemos citar “a sua acção benéfica e decisiva no saneamento prophylatico da nossa cidade”¹¹⁸, na época o dr. Lopes era chefe do Posto de Prophylaxia de Anchieta.

Antonio de Oliveira Duarte, veio de Portugal ainda criança, após passar pela Capital Federal chegou em nossa cidade onde se estabeleceu à avenida João Pessoa, nº 209, por seu esforço pessoal tornou-se comerciante, associando-se à “Empreza de Materiaes para Construções”¹¹⁹, pessoa de indelével caráter, cativou a todos que tiveram o prazer de conviver em sua companhia; Nicolao Corbelas Pereira, de origem espanhola, chegou aqui “no período da loteação da Fazenda São Matheus”¹²⁰, iniciou trabalhando no serviço de “carreiro no transporte de lenha”¹²¹, com muito esforço, trabalho e principalmente economizando, investiu seu capital em construção de prédios, sendo um dos maiores proprietários da cidade. “Basta dizer que Nicoláo é o contribuinte de maior renda á municipalidade”¹²².

Antonio Almeida Governo, oriundo de Portugal, depois de se estabelecer por muitos anos “na localidade de Anchieta”¹²³, veio para nossa cidade onde se estabeleceu à avenida João Pessoa, 269, adquirindo “o conceituado CAFÉ E RESTAURANTE FAMILIAR, fundado em 1931”¹²⁴; Delphim Silva¹²⁵, chegou em Nilópolis no ano de 1928, estabelecendo-se “em um modesto negocio de botequim no n. 70 da rua Menna Barreto”¹²⁶; Victorino Luiz da Silveira, oriundo do norte fluminense, chegou a Nilópolis ainda jovem, “aqui se estabelecendo com um singelo negocio de líquidos e comestíveis”¹²⁷; Antonio Abrantes Botelho, proprietário do bar e restaurante Ponto Chic, sito à rua Menna Barreto, nº 25, frequentado por “grande número de elementos de

¹¹⁶ Idem, ibidem, p. 287.

¹¹⁷ Idem, ibidem, p. 288.

¹¹⁸ Idem, ibidem, p. 292.

¹¹⁹ Idem, ibidem, p. 293.

¹²⁰ Idem, ibidem, p. 297.

¹²¹ Idem, ibidem, p. 297.

¹²² Idem, ibidem, p. 297.

¹²³ Idem, ibidem, p. 301.

¹²⁴ CARDOSO, Ernesto, “Nilopolis de Hontem e de Hoje”, 1938, p. 301.

¹²⁵ “Pouco tempo mais tarde as importantes empresas Moinho da Luza, Sociedade Commercial de Alimentação Ltda, e a Sociedade Anonyma Maturcello tinham os seus produtos representados em Nilopolis pelo mesmo cidadão”. (CARDOSO, 1938, p. 305).

¹²⁶ Idem, ibidem, p. 305.

¹²⁷ Idem, ibidem, p. 309.

reputação no commercio e na sociedade nilopolitanos”¹²⁸, o autor identifica todos que frequentam o restaurante¹²⁹.

José Fernandes Sobreira, chegando ao Brasil em 1908, vindo de Portugal, estabeleceu-se na Capital da República “com o negócio de líquidos e comestíveis”¹³⁰, no entanto, percebendo que o seu trabalho na Capital da República não iria frutificar, se transportou para Nilopolis estabelecendo-se à av. João Pessoa, 41. Com o tempo expandiu seu negócio, “edificando um espaçoso prédio em ponto mais central da mesma avenida, em frente à parada de Olinda, podendo, assim, atender mais a contento a sua numerosa freguesia”¹³¹, e para finalizar, Valentim Dieguez, “Empregando a somma dos seus capitães em construcções prediais sucessiva, tem concorrido, por esse modo, com grande quota, para o desenvolvimento da nossa cidade”¹³².

¹²⁸ Idem, ibidem, p. 311.

¹²⁹ “Carlos de Oliveira, Gastão, do escriptorio de terrenos; Dirceu, tabelião; os Gaullier, o Abílio, guardalivros; o Camargo, do Entreposto; o Costa, da padaria; o Cruz, da Light; Frederico Barboza; o Silva, ferragista; o Gomes, da praça, e tantos outros elementos de destaque têm ali o recanto preferido dos momentos de ócio, onde trocam idéas, onde planejam negócios, onde falam da vida alheia e mais alguma coisa (...)” (CARDOSO, 1938, p. 311).

¹³⁰ CARDOSO, Ernesto, “Nilopolis de Hontem e de Hoje”, 1938, p. 315.

¹³¹ Idem, ibidem, p. p. 315 – 316.

¹³² Idem, ibidem, p. 319.

Capítulo II

Análise do livro sobre Nilópolis

Para a construção desse capítulo realizamos a leitura e reflexão da bibliografia levantada, embora escassa, entre elas estão os autores Manoel Ricardo Simões da obra “A Cidade Estilhaçada: reestruturação econômica e emancipações na Baixada Fluminense”; Adrianno Oliveira Rodrigues “De Maxabomba a Nova Iguaçu (1833 – 90’s): economia e território em processo; Gênese Tôrres “Baixada Fluminense: a construção de uma história: sociedade, economia, política”.

Um dos pontos analisados na obra de Cardoso foi a questão da Fazenda São Matheus. A forma como Cardoso construiu a sua história seria utilizado por outros historiadores – mesmo que estes outros não citassem o livro de Ernesto Cardoso – onde utilizariam a informação da Fazenda São Matheus como origem de Nilópolis. A apresentação da fazenda, depois a estação e por ultimo a emancipação transformou-se na historia linear do município. Os dados ressaltados por Cardoso também são referência de todos os autores lidos neste trabalho apenas com algumas diferenciações. Assim a historia da fundação da localidade de Nilópolis começa na Fazenda São Matheus e no século no qual a fazenda fora fundada – entre os séculos XV e XVI.

A partir dos anos 2000 novos dados sobre a fazenda São Matheus surge no trabalho do historiador Gênese Torres¹³³ que dedicou um capítulo em seu livro sobre a fazenda São Matheus, diz que, “Em 1634, João Alves Pereira funda a Fazenda de São Matheus. Situava-se entre os rios de Meriti e Sarapuí, próximo às fraldas do Outeiro de Gericinó (terras que estariam contidas na doação feita à Brás Cubas”. (Tôrres, 2008, p. 100).

Tôrres esclarece que alguns desbravadores receberam cartas de doações de sesmarias do Governador, mas de acordo com o decreto régio de 27 de outubro de 1567 se não tomassem posse dentro de um ano eles “perderiam o direito sobre elas” (Tôrres, 2008, p. 100). E que um desses sesmeiro foi Brás Cubas, que recebeu em 30 de agosto de 1568, “3000 braças por costa ao longo do salgado, por 9000 para o sertão no rio de Meriti, correndo para a piaçaba de Jacutinga. Não tomando posse de tais terras, estas foram novamente doadas” (Tôrres, 2008, p. 100).

¹³³TÔRRES, Gênese Pereira. Licenciado em História pela Universidade Federal Fluminense, 1977; Bacharel em Direito pela Universidade Grande Rio, 1999; Especialização em Metodologia do Ensino Superior pela PUC. Brasília, 1975.

O autor aponta estudos relacionado sobre o Engenho de Gericinó, que segundo estatística “durante o governo do Marques de Lavradio entre os anos de 1796 e 1779, o engenho de açúcar da fazenda Gericinó ou (Jerecinó), revelava ser de propriedade de D. Maria de Andrade que, com seus escravos, produzia 7 caixas de açúcar e 2 pipas de aguardente”¹³⁴. Menciona que esse engenho integrava parte da sesmaria doada a Brás Cubas, em 1568. Cita que a fazenda se encontrava ao pé da serra do Gericinó, que foi encontrado esse apontamento na carta topográfica da Capitania do Rio de Janeiro, no ano de 1767, “que nascia entre charcos e pantanais existentes entre a fazenda do Retiro e Gericinó, seguindo-se o de São Matheus (hoje parte de Nilópolis), da Cachoeira ou caxeira (Mesquita) e Maxabomba (Nova Iguaçu)”¹³⁵. Tôrres recua sua narrativa ao ano de 1634, quando então “João Alves Pereira funda a Fazenda de São Matheus”¹³⁶, divergindo a data do que afirma Ernesto Cardoso, que “em 1637 as terras de São Matheus pertenciam a João Alves Pereira” não citando a fundação (CARDOSO, 1938, p. 15), reitera que em levantamentos executado em “de Cartas de Sesmarias”¹³⁷, não foi encontrado registro que constasse que “João Álvares Pereira houvesse recebido essas terras da Fazenda através de doação do governo”¹³⁸. Tôrres apresenta um questionamento, se em 3 de agosto de 1568 Brás Cubas desprezou as terras de sesmaria e a fundação da São Matheus se deu em 1634 e João Álvares Pereira não recebeu as terras de doação, “de quem ele as adquiriu”? Se passaram 66 anos nessa transição, a quem essa terra pertencia ou pertenceu nesse intervalo? O autor apresentou duas teses:

“Primeira: Teria sido através do dote de sua mulher, Izabel de Montarroios que seria filha de Diogo Montarroios que recebeu 1 500 braças de Gericinó em 22 de novembro de 1603?;
Segunda: Teria recebido, por aquisição do sesmeiro original ou de terceiros?” (TÔRRES, 2008. P. 100).

Tôrres apresenta os nomes de prováveis sesmeiros no entorno da fazenda São Matheus no período citado.

“Domingos de Braga Lourenço Luiz – 1 500 braças em quadra, da banda d’além em Meriti em 10 de fevereiro de 1579; Antonio Alvarenga e Francisco Alvarenga, receberam sobejos entre as dadas da serra de Gericinó e as dadas que de Meriti e Pavuna e Serapoi vão para o campo Grande em 04 de dezembro de 1589; Diogo de Brito recebeu 1 500 braças em quadra entre rio de Meriti e Serapoi em 02 de janeiro de 1602; Belchior Tavares, recebe terras na fralda do outeiro de Gericinó em 15 de novembro de 1603; O Reverendo Vigário Martim Fernandes recebeu 6000 braças na fralda do

¹³⁴TÔRRES, Gênesis Pereira. “Baixada fluminense: a construção de uma história: sociedade, economia, política, 2008. (p. 87).

¹³⁵ Idem, ibidem, (p. 88).

¹³⁶ Idem, ibidem, (p. 100).

¹³⁷ Idem, ibidem, (p. 100).

¹³⁸ Idem, ibidem, (p. 100).

outeiro de Gericinó em 15 de novembro de 1603; Simão Rodrigues Peres recebeu sobejos de terras e mangues em Serapoi em 29 de março de 1629; Jordão Homem da Costa e João Homem receberam 6000 braças em quadra em Serapoi em 12 de Janeiro de 1630”. (TÔRRES, 2008. p. 100).

Torres (2008) reitera que em 1634 é fundada a fazenda de São Matheus por João Alves Pereira, e em 1637 é construída a capela para o mesmo padroeiro. O autor desenvolve uma pequena biografia sobre João Alves Pereira, seus filhos e descendentes destes (TÔRRES, 2008, p. 101). Esclarece que após a morte de João Alves Pereira a fazenda passa a ser administrada por seu genro João Fernandes Pedra e que alguns historiadores o confundem com seu filho João Alves Pereira (TÔRRES, 2008, p. 101).

Tôrres salienta que com a morte de Domingos Machado Homem, a fazenda passa a pertencer ao padre Matheus Machado Homem e “que muitos autores, entre os quais podemos citar Matoso Maia Forte, que o têm como fundador de fazenda, tendo recebido as terras de seus pais” (Maia apud Tôrres, 2008, p. 102). Segundo o autor, houve um equívoco do historiador “pois, a fazenda foi fundada em 1634 por João Alves Pereira e o padre Matheus, seu bisneto, só assumiu a fazenda em 1714, portanto 80 anos depois” (Tôrres, 2008, p. 102) especificando que com a morte do padre Matheus a localidade passa a pertencer aos seus sobrinhos Ambrósio de Souza Coutinho e Francisco Coutinho, não encontramos esse grau de parentesco nos apontamentos do autor Ernesto Cardoso. Tôrres descreve parte do inventário do padre Matheus,

“Francisco de Souza Coutinho, padre, testamenteiro de seu tio o padre Matheus Machado Homem, possuídos de hum engenho sito na paragem chamada São Matheus = com 1280 braças de testada a quais terras as houve por herança de seus pais Domingos Machado Homem e D. Joanna de Barcello”. (p. 102). “(Documento datado de 1772). Arq. Nacional.” (Tôrres, 2008, p. 102).

Segundo o relato de Tôrres, a fazenda permaneceu nas mãos da mesma família pelo período de 220 anos, “de 1634, com a fundação por João Alves Pereira à 1854 com a venda ao Visconde (de Bonfim) feita pelos seus descendentes” (Tôrres, 2008, p. 104). Esclarece que após “a abolição da escravatura em 1888 a fazenda é praticamente abandonada transformando-se em sua maior parte num imenso capoeirão” (Tôrres, 2008, p. 104). Ratifica os estudos de Cardoso, que ao fim da escravatura, fazendeiros abandonaram a agricultura, deixaram as terras em virtude da queda dos lucros, enquanto outros desistiram e a Fazenda São Matheus passou a ser um terreno abandonado, a exemplo de muitas outras fazendas e se transformou em pouco tempo “num capoeirão e depois em mata cerrada”. (Cardoso, 1938, p. p. 19 - 20).

Nos estudos de Gênesis Tôrres é citado que “em 22 de setembro de 1900” (2008,

p. 104), a fazenda de propriedade do Barão de Mesquita é vendida “aos senhores Lázaro de Almeida e João Alves Mirandella pelo preço de 35 contos de reis” (Tôrres, 2008, p. 104), divergindo das informações do autor Ernesto Cardoso, quanto ao valor da transação feita pela compra da Fazenda São Matheus, por uma quantia diferente da relatada por Tôrres – no caso, vinte contos de reis, segundo Cardoso.¹³⁹ A fazenda é descrita por Tôrres da seguinte forma “(...) a Fazenda denominada São Matheus, situada na Freguezia de Meriry, composta de dois barracões e as edificações que existirem e escritura de compra e venda, 1900”. (Tôrres, 2008, p.104). Não encontramos essas informações nos escritos de Ernesto Cardoso.

Enquanto os autores divergem sobre a fazenda, Tôrres ratifica o relato de Ernesto Cardoso quanto a inauguração dos bondes em Nilópolis, ao relatar o “primeiro e único tráfego de bondes puxado a burros, que se tem notícia na Baixada Fluminense” (Tôrres, 2008, p. 145). Confirma também a versão da passagem de Nilo Peçanha em visita feita a localidade pela primeira vez, no acontecimento da inauguração da luz elétrica. Esclarece os nomes dados à Nilópolis (Tôrres, 2008, p. 206) à época da Fazenda São Mateus, iniciando por “parada de São Mateus; parada e estação de Engenheiro Neiva, em homenagem a Lucas Soares Neiva, construtor da parada e plataforma de trens; e Nilópolis, em homenagem a Nilo Peçanha, a partir de 01 de janeiro de 1921, grande benfeitor de Nilópolis, numa festividade inesquecível ratificando Cardoso

Ernesto em seu livro glorifica tanto a Nilo Peçanha pelas benfeitorias a localidade, como às figuras locais mais importantes do município. Não podemos ignorar que estudos mais recentes não fazem a relação direta entre a fazenda São Matheus, a estação Engenheiro Neiva e Nilópolis.

Em estudos mais recentes, encontramos referência sobre a localidade de São Matheus na Dissertação de Mestrado “De Maxabomba a Nova Iguaçu (1833 – 90’): economia e território em processo” de Adrianno Oliveira Rodrigues¹⁴⁰, em breve citação, o autor diz que “no período de 1916 a localidade de São Matheus passa a denominar-se Nilópolis” (2006, p. 40), contrário ao que Cardoso escreve em seu livro, onde o autor menciona que a mudança de nome para Nilópolis ocorrera efetivamente em 1931, onde anteriormente a isto, a localidade denominava-se Engenheiro Neiva.¹⁴¹

¹³⁹CARDOSO, Ernesto, 1938, p. 20.

¹⁴⁰Adrianno Oliveira Rodrigues. Graduado em Ciências Econômicas pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (2002). Mestrado e Doutorado em Planejamento Urbano e Regional. IPPUR/UFRJ. Atualmente é professor adjunto a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, campus Nova Iguaçu.

¹⁴¹CARDOSO, Ernesto. p. 106.

Rodrigues aponta também que foi em homenagem a Nilo Peçanha¹⁴² a mudança do nome da localidade, por ser um incentivador da citricultura, demonstrando “a importância que os laranjais tiveram no desenvolvimento da região” (RODRIGUES, 2006, p. 41). Cardoso vai concordar que a cidade foi nomeada em homenagem a Peçanha, entretanto o autor discorre que fora em homenagem aos serviços prestados pelo presidente tanto em sua atuação geral como na localidade, onde Cardoso enaltece os ditos serviços prestados por Peçanha.

Adriano Oliveira Rodrigues cita Souza Alves (2003) que dá outra explicação a nomeação da localidade. Alves menciona que a utilização do nome de Peçanha foi feita com o intuito de se utilizar da figura como propaganda para a venda do loteamento da Fazenda São Matheus.¹⁴³

Encontramos referência sobre o tema da mudança do nome da localidade para Nilópolis na tese de Doutorado “A cidade estilhaçada: reestruturação econômica e emancipações municipais na baixada fluminense” (2006) de Manoel Ricardo Simões¹⁴⁴, onde o autor faz alusão à Nilópolis à época da visita de Nilo Peçanha a localidade, apresenta comentário sobre Júlio de Abreu e a criação do Bloco Progresso de Nilópolis, a fundação da revista “Nilópolis”, ratificando os estudos de Ernesto Cardoso já mencionado acima. Simões salienta em seus estudos a chegada dos imigrantes a partir de 1930, com os primeiros judeus “(...) depois os sírio-libaneses, ainda neste período chegam os migrantes do Nordeste, Minas e do interior do estado do Rio de Janeiro (...)” (SIMÕES, 2007, p. 153). Não encontramos essa preocupação nos estudos de Ernesto Cardoso.

Simões, diferente de Cardoso, privilegia as transformações de Nilópolis entre os anos de 1930 e 1940 após findado primeiros loteamentos, momento em que estava escrevendo e vivendo Cardoso. Permeia seu texto com relatos sobre o projeto de emancipação de Nilópolis e a política local, assuntos que provavelmente Cardoso conhecia.

¹⁴² “Nilo Peçanha elege-se como vice-presidente na chapa de Afonso Pena, e assumiu a presidência aos 41 anos de idade, com a morte deste em 14 de junho de 1909”. (Rodrigues, 2006, p. 41).

¹⁴³ Alves apud Rodrigues, 2006, p. 39.

¹⁴⁴ Licenciado e bacharel em Geografia pela UFF. Possui Mestrado em Planejamento Urbano e regional pela UFRJ e Doutorado em Geografia pela UFF. Atualmente é Professor Titular do Instituto Federal de Educação e Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro.

Conclusão

O livro estudado é um ponto de vista do autor, Ernesto Cardoso. Ele escreve sobre Nilópolis como se já fosse emancipada, descolada de Iguaçu. O presente dele é o desejo dele de ver Nilópolis como um município, tendo a sua narrativa sempre voltada a demonstrar como a localidade já estaria preparada para a emancipação, “Aguardemos, agora, o dia que Nilopolis obterá foros de Comarca, desejo esse que há muito tempo vem alimentando a sua população” (CARDOSO, 1938, p. 75). A Nilópolis apresentada por Ernesto Cardoso inicia-se em um ontem, com a história da localidade e seu “hoje” não ser mais a história, mas seu cotidiano. Ele escreve em 1938 e a trata como cidade, o que ainda não é: é um Distrito de Nova Iguaçu.

Cardoso apresenta em sua narrativa uma visão política da localidade, ele pensa aquele lugar como cidade nove anos antes da emancipação de Nilópolis. Percebe-se em sua narrativa que ele trabalha a favor de um grupo político local, glorifica muito o bloco progressista e quer utilizar uma história para legitimar o argumento da separação, daí apresentar o município como se tivesse autonomia.

Percebeu-se que tudo que ele descreve de urbano, da indústria, do desenvolvimento, das associações é da década de 10 desse século XX para cá. Foi delineado durante a leitura que todo o progresso e desenvolvimento, as melhorias, inclusive a emancipação, foram conseguidas através do Bloco Progresso de Nilópolis e pessoas com forte influência na localidade.

A História que Ernesto Cardoso relata em seu livro é a Nilópolis que ele imagina futuramente ser emancipada. Ele idealiza a localidade, apresenta uma estrutura que só será encontrada após a emancipação, pois na realidade Nilópolis só começaria a existir depois dos loteamentos, a partir do século XX. Antes era a fazenda São Matheus, um grande pântano, o que Tôrres ratifica “(...) que nascia entre charcos e pantanais existentes entre a fazenda do Retiro e Gericinó, seguindo-se o de São Matheus (hoje parte de Nilópolis), da Cachoeira ou caxueira (Mesquita) e Maxabomba (Nova Iguaçu) (...)” (TÔRRES, 2008, p. 87).

Percebeu-se nas leituras de quase todas as páginas do livro estudado que Cardoso realizou algum agradecimento por melhoria, favorecimento, à algumas autoridades locais ou morador com alguma influência na capital do país, ou até mesmo ajuda pecuniária. Mas o que chama a atenção são os mesmos nomes que são enaltecidos

com adjetivos diversos tais como “figura honrada e respeitada” (CARDOSO, p.114), “genuínos e desinteressados” (CARDOSO, p. 151), “honrado, digno e admirado cidadão” (CARDOSO, p. 197).

Cardoso esclarece que o cidadão da classe desfavorecida que mora na cidade é classe trabalhadora, a população mais pobre, são as primeiras pessoas a comprarem pedaços de terras nos primeiros loteamentos vendidos a preços módicos facilitando a aquisição, e mudança imediata.

As interpretações do autor apresentam algumas contradições, um exemplo é a troca do nome da estação de Engenheiro Neiva, já que ele afirma que as mercadorias de Engenho Novo iam parar em Engenheiro Neiva e vice versa, que causava grande confusão e prejuízo aos comerciantes, assim como também passageiros que se dirigiam à estação de Nilópolis por inúmeras vezes passavam da estação por não ver sinalizado na placa o nome de Nilópolis, causando confusão e prejuízo para o público, tanto local como para os que aqui vinham em visita a localidade. Como pode haver essa dúvida quanto aos nomes da estação, se Engenho Novo ficava no Município do Rio de Janeiro e Engenheiro Neiva ficava no Município de Nova Iguaçu?

O livro é permeado de visão política, pois o autor a todo momento glorifica a política local e a do Estado do Rio, foi todo elaborado atrelado a política, inclusive o Bloco Progresso de Nilópolis que comandava todas as iniciativas de melhorias para a localidade com aliados políticos. O próprio autor reitera “Bem advertira Nilo Peçanha ao povo não permitir o ingresso da política na localidade, entretanto, ella veio, infelizmente (...)” (CARDOSO, 1938, 70) ainda que ele diga o contrário.

Outro fato que vale a pena salientar, ainda relacionada a visão política do autor, é quando ao se referir sobre uma notícia do dia 18 de dezembro de 1927 no Nilópolis-Jornal, ao prefeito, não menciona que está se referindo ao prefeito de Nova Iguaçu. Um leitor um pouco desatento não perceberá que o prefeito não é de Nilópolis e sim de Nova Iguaçu. Assim o autor escreve,

“O nosso diretor tudo fez no sentido de um entendimento entre o **prefeito cel. João Telles** e os srs. Abilio Ferreira & Cia., firma proprietária de enorme área térrea em nossa cidade, a fim de que fosse solucionado o palpitante problema do cemitério (...) que também é a aspiração dos nilopolitanos. Já temos comprada **pela Prefeitura** uma área térrea de dez mil metros quadrados, para o campo santo da cidade”. (CARDOSO, 1938, p. 221, grifo nosso).

Finalizando, uma pergunta não menos importante. Quem financiou o livro estudado? Acredita-se que tenha sido o mesmo grupo que o autor enalteceu nas folhas

de seu livro.

Lembramos que esse trabalho não se esgota aqui, as informações coletadas sobre o livro estudado são fragmentadas e ainda carente de análises, aproveitemos delas, portanto para que estimule a construção de novos estudos.

BIBLIOGRAFIA

CARDOSO, Ernesto. *Nilópolis de Hontem e de Hoje*. Nilópolis: L. & J. Berkowitz, 1938.

FORTE, José Mattoso Maia. *Memória da Fundação Iguassú*. Rio de Janeiro: Typografia do Jornal do Comércio, 1933.

PROST, Antoine. *Doze lições sobre a história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

RODRIGUES, Adrianno Oliveira. *De Maxabomba a Nova Iguaçu (1833-90's): economia e território em processo*. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2006.

SIMÕES, Manuel Ricardo. *A cidade estilhada: reestruturação econômica e emancipações municipais na Baixada Fluminense*, Mesquita: Editora Entorno, 2007.

TÔRRES, Gênesis. *Baixada Fluminense: a construção de uma história: sociedade, economia, política*. 2ª ed. Ver. E ampliada. Rio de Janeiro: INEPAC, 2008.

VEYNE, Paul Marie. *Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.